

Um exemplo municipal de ensino público

Seleção

A Escola Municipal José Áureo Monjardim, em Fradinhos, é um exemplo de qualidade em escola pública. Em 1990, os moradores do bairro decidiram, com a Prefeitura de Vitória, reabrir um colégio fechado já com esta intenção - fazer do local um precursor do ensino público no estado. E conseguiram. Hoje, a JAM - como é conhecida - tem fama de boa escola e serve de espelho para quem quiser seguir seus passos.

Foi nela, por exemplo, que se desenvolveu uma das primeiras experiências no estado com o bloco único. A antiga divisão de turmas entre o pré-escolar e as primeiras, segunda, terceira e quarta séries foi substituída por um único bloco de aprendizagem. A tradicional avaliação de alunos por notas também teve sua página virada. Na JAM, o aluno passa por uma avaliação descritiva diariamente. Todo bimestre, o professor apresenta um registro qualitativo sobre o desempenho de cada estudante, com avanços e recuos.

Com 500 alunos distribuídos entre o pré-escolar e a 8ª série, a JAM não tem um método definitivo. Segundo a orientadora pedagógica da escola, Isabel Cristina de Oliveira Roque, a metodologia está em constante avaliação, com incursões no construtivismo e na interdisciplinaridade. "Não dá para enquadrar o projeto JAM em rótulos. Ele está sempre passando por transformações", observa.

O próprio bloco único já sofreu mudanças. O que era único dividiu-se em duas etapas. Na primeira, envolvendo os antigos pré, primeira e segunda séries, o aluno aprende a ler e a escrever. Se tiver bom aproveitamento vai para a segunda, englobando as 3ª e 4ª séries. Nesta fase são abordados conteúdos mais sistematizados.

A preocupação com qualidade começa com a seleção de professores e especialistas para a escola. Mesmo fazendo parte do quadro de servidores municipais, o profissional é submetido a uma seleção especial se quiser trabalhar na JAM. "Não queremos que a pessoa vá trabalhar na escola só porque mora perto ou por outra conveniência", seleciona a diretora, Jacy Poltronieri Zanellato.

Mesmo com o empenho em manter uma equipe seleta para a JAM, a rotatividade de professores está dificultando os trabalhos e comprometendo a metodologia usada pela escola. A causa está na falta de concurso para preencher as vagas e no entra-e-sai de professores contratados para cada ano letivo. Do grupo de 24 professores e 4 especialistas (2 orientadores educacionais e 2 supervisores), a metade é contratada. "A cada ano, temos professores diferentes, não havendo continuidade", lamenta a orientadora Isabel Cristina.

Como justificativa para a necessidade de uma equipe permanente e envolvida com o projeto do colégio, Jacy Zanellato revela os resultados colhidos com a metodologia. A primeira turma que passou pelo bloco único já está na 5ª série. Se for comparada aos alunos do ensino tradicional, as turmas da JAM ganham na participação, no questionamento e na visão crítica.

Além do aspecto qualitativo, também são citados números. Em 93 foram aprovados 80% dos alunos que saíram da JAM e fizeram inscrição para a prova de seleção da Escola Técnica Federal do Espírito Santo. "Temos informações de que os alunos originários da JAM estão entre os mais participativos na ETFES", sustenta a orientadora.



A escola é hoje uma espécie de espelho cujo reflexo mostra as boas soluções para a educação

Decisões tomadas em conjunto

Para seus alunos ganharem status de cidadãos críticos, participativos e questionadores, a Escola Municipal José Áureo Monjardim leva à exaustão discussões e decisões coletivas. Tudo é decidido em grupo, da cantina aos métodos pedagógicos.

A venda de alimentos no recreio é um exemplo de como funciona a JAM na busca de constante participação. São os próprios alunos que controlam a lanchonete. Para chegar a esta definição foram realizadas pesquisas, reuniões e estabelecidas orientações sobre o tipo e a qualidade dos alimentos.

A experiência da cantina é uma das medidas inéditas adotadas pela escola. Logo quando a JAM foi aberta, a

proposta era valorizar a merenda escolar. Porém, com a falta da lanchonete, os alunos maiores passaram a vender nos corredores bolos e salgadinhos. Este comportamento desencadeou uma das práticas mais comuns no colégio - reuniões, discussões e definições coletivas.

Pais, alunos e funcionários decidiram abrir a cantina e deixar seu funcionamento por conta dos alunos, para reforçar a aprendizagem, a responsabilidade e o senso administrativo de cada um.

Conselho de Escola

A escola não recebe nada da cantina, e o lucro fica para os estudantes. Eles fizeram inscrição e conseguiram apoio dos pais para o preparo de alimentos em casa. Hoje, cumprem um revezamento de 2ª a 6ª feira na cantina, respeitando os critérios e exigências

do Conselho de Escola: preços compatíveis com o mercado, qualidade e higiene no manuseio dos produtos, e nada de picolés e chup-chup.

O Conselho de Escola é a base da JAM. Com representantes eleitos pelos alunos, pais, professores, funcionários e comunidade, ele é a instância de discussão e decisão. Todas as definições administrativas e pedagógicas passam pelo grupo nas reuniões quinzenais.

É através dele que a JAM consegue abrir fronteiras na rede de ensino municipal. Uma delas é o pagamento de duas horas extras semanais aos professores e especialistas para a participação em grupos de estudos (o que até agora está restrito à JAM). Todas às segundas-feiras, professores e especialistas se reúnem após a jornada normal para debates e estudos de temas ligados à educação.

A quadra de esportes foi outra vitória do conselho depois de muita reunião, pressão e passeata. Até a manutenção de dois vigias quando a Prefeitura de Vitória ameaçava substituí-los por uma empresa de segurança particular foi conseguida pelo grupo.

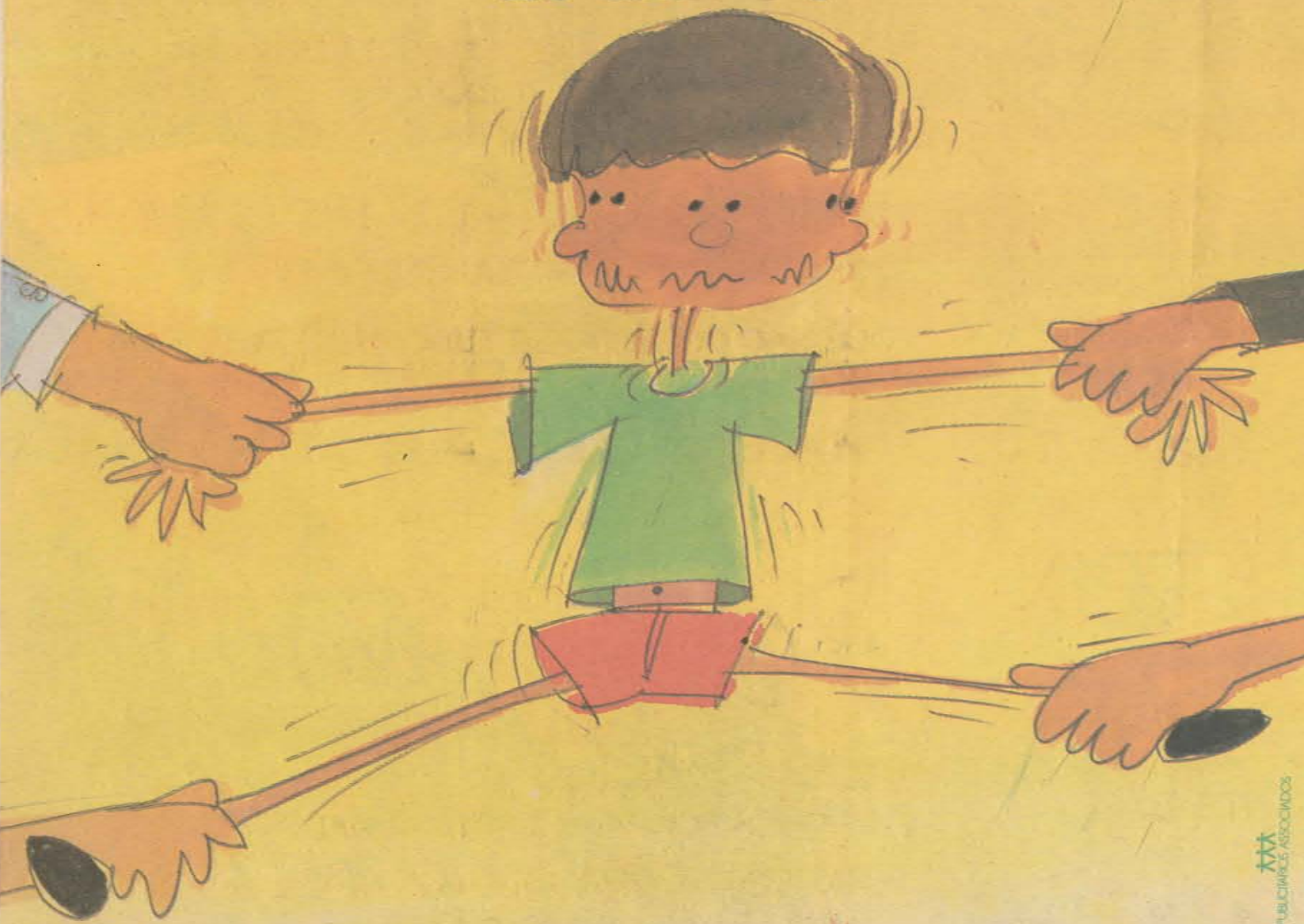
Também o limite máximo de 35 alunos nas turmas entre a 2ª etapa do bloco único e a 8ª série foi definida pelo conselho e respeitada pela Secretaria Municipal de Educação. Nas demais escolas da rede o limite é de 40 alunos.

Além do Conselho de Escola existe também o conselho de classe participativo. Reunindo alunos, pais, professores e especialistas com amplos direitos de manifestação, ele avalia conjuntamente todos os segmentos, o desempenho e as necessidades da JAM.



A atividade esportiva é uma das preocupações da JAM

Aberta a temporada de caça ao aluno!



Tudo quanto é colégio vai querer seu filho como aluno. E você vai ter que escolher o melhor.

Se não fizer isso agora, vai ter que trocá-lo depois.

E quem sofre é a criança.

Que tem que se adaptar a novos professores, colegas e tipos de ensino.

O Objetivo não teme comparações.

Com 30 anos de existência, hoje é o maior complexo educacional do Brasil.

Tem os melhores professores, e seu método de ensino dinâmico e material didático atualizado continuamente permitem um melhor aproveitamento do tempo de aula.

Não bastasse isso, o aluno do Objetivo conta com uma série de atividades de apoio que nenhum outro colégio pode oferecer.

Não queime o futuro de seu filho.

Matricule-o no Objetivo.

ATIVIDADES DE APOIO

- Aulas de informática
- Vídeo aula
- Programação avançada
- Laboratório de redação
- Plantão de dúvidas
- Feira de ciências
- Vestibular simulado
- Orientação educacional
- Escola do mar (Angra)
- Escola da natureza (Manaus)
- Escola das dunas (Natal)
- Curso de teatro
- Festivais e jogos internos
- Feira do meio ambiente
- Revisão programada
- E muito mais.

 **OBJETIVO**

Currículo instigante

Para manter a motivação dos alunos e instigar a pesquisa, o currículo da JAM inclui visitas a aeroporto, estação ferroviária, museus, reservas biológicas. O museu Melo Leitão, em Santa Teresa, e a base do projeto Tamar, em Linhares, estão entre os roteiros da escola. Os resultados costumam aparecer em exposições como uma de esculturas em materiais colhidos nas praias que foi para a Fafi.

As oficinas são outra marca da JAM. Os alunos podem - se quiserem - fazer aeróbica ou vôlei numa oficina de ginástica. Ou ainda teatro, macramê, fantoches, confecção de instrumentos nas oficinas de arte. Se o problema for de reforço em alguma disciplina, têm opções como Português e Matemática, os mais requisitados. E também podem fazer um curso extra de Inglês, com muita música e vídeo, tudo dentro da escola e em horários alternativos.

Estas medidas, segundo a diretora Jacy Zanellato, ajudam a desenvolver o vínculo afetivo do aluno com a escola. Um exemplo pode ser observado nas raras depredações, coisa corriqueira em colégios públicos. Para estes casos - quando acontecem - a JAM também tem um

regimento interno com normas disciplinares definidas pelo Conselho de Escola.

Rigor

Pela destruição de qualquer material, por exemplo, os pais são convidados a ressarcir o prejuízo, e o aluno a fazer o conserto. Caso contrário, os estudantes não entram no local depois de um determinado prazo para cumprir as determinações da escola.

Jogar pedaços de lápis-cera no colega também tem o seu preço. O aluno envolvido tem que levar no dia seguinte uma caixa de lápis e, com isto, descobrir o valor do material e da brincadeira. Os atrasos são outra previsão do regimento. São permitidos apenas 5 por mês, quando o estudante das séries finais pode entrar na segunda aula. Ultrapassado este limite, ele fica impedido de entrar. Para alunos menores há tolerância de 15 minutos.

Indisciplina de uma pessoa ou de um grupo gera constrangimento mesa redonda com professores, especialistas e alunos para discutirem o problema. Se a turma toda é indisciplinada, a escola promove um momento coletivo com alunos, pais, professores e especialistas para uma conversa que invariavelmente traz bons resultados.

SAIA DO PRETO E BRANCO XEROX COLORIDA

- Preços especiais p/quantidades
- Faturamos p/empresas
- Xerox comum e cópias heliográficas

- * MENOR PREÇO
- * MELHOR QUALIDADE
- * FÁCIL ESTACIONAMENTO
- * COLETA/ENTREGA GRÁTIS

RTC COPIADORA

Av. Paulino Muller, 785 - Jucutuquara
223-8940 e 223-3706

Aprendizagem passa por alternativas pedagógicas

Segundo a teoria sócio-construtivista, a rede municipal de ensino de Vitória está implantando alternativas pedagógicas que vão contra os velhos conceitos mecanicistas, que induziam os alunos ao processo da "decoreba". O que prevalece desde 90, quando a nova linha pedagógica foi introduzida, é fazer com que os estudantes construam o seu próprio conhecimento. A proposta curricular inclui a interdisciplinaridade, um novo conceito de avaliação e uma nova postura dos profissionais da educação diante do difícil processo da aprendizagem, explica o secretário municipal da Educação, César Colnago.

A tendência é acabar com a velha idéia de que os educadores devem se preocupar, pura e simplesmente, com a transmissão de conteúdos das matérias curriculares. Neste processo, o professor passa a ter nova postura não só na sala de aula como também diante da vida. Justamente porque deixa de ser o todo poderoso ou o dono do saber. A criança passa a ter participação direta e cabe ao educador saber conduzir a construção do conhecimento.

Mecanismos

A interdisciplinaridade é um dos mecanismos que têm estimulado a associação de idéias e fatos na cabeça dos estudantes. Um único assunto pode ser abordado em várias matérias por ângulos diferentes, o que facilita o processo de aprendizagem. A avaliação também está sendo tratada por um novo ângulo, deixando de ser opressora, como nos métodos tradicionais em que o professor "mede" o conhecimento do aluno em uma prova ou teste.

"Não se pode confundir a avaliação com o momento de atribuição de notas, de classificação e de controle dos alu-

nos", aposta o secretário. "A mudança que propomos é uma avaliação constante da ação educativa, via participação e discussão conjunta. A avaliação deve significar um meio de sustentação de trabalho e nunca um fim".

Para César Colnago, o professor é a peça fundamental na concretização desse projeto. Estar atento à participação dos alunos nas diversas atividades é importante, mas não é suficiente. O professor deve também participar espontaneamente dos trabalhos e registrar descritivamente suas observações no decorrer do processo. Não é o fazer "para" os alunos. É o fazer "com" os alunos.

O que se pretende é romper a rançosa prática escolar autoritária que concebe a educação como um mecanismo de conservação e reprodução de desigualdades materiais e culturais da sociedade. O que se propõe é uma prática pedagógica com mecanismos de transformação social. O erro, por exemplo, não pode ser visto como o fim, mas como um certo momento do processo de construção do conhecimento do aluno. "É preciso respeitar-lhe as individualidades e os ritmos próprios, sem cair numa prática continuista, descomprometida com a necessidade do aluno de poder avançar".

A rede municipal de Vitória responde atualmente por 65% do ensino fundamental da capital. São cerca de 37 mil alunos de pré-escola, 1º grau e supletivo, que frequentam 74 escolas (31 de 1º grau e 43 centros de educação infantil). O total de alunos matriculados em escolas públicas de Vitória é de 47.614. Desse total, 61% estudam em escolas da Prefeitura e 39% na rede estadual. A Prefeitura de Vitória destina 40% de sua receita para o setor da educação.



Para o Secretário César Colnago, os profissionais da educação passam a ter agora uma nova postura diante da tarefa de ensinar

Jogos lúdicos para lógica matemática

A Matemática está ganhando novo enfoque na rede municipal de Vitória. Aquele bicho de sete cabeças, que torturou muitas gerações pela complicação de tantas regras, cálculos imensos, raiz quadrada, e problemas de difícil solução, começa a ser tratado de uma forma mais simples: os chamados jogos lúdicos. Aquela matéria chata passa a ser encarada como uma espécie de jogo de regras, onde o raciocínio e a lógica ocupam o primeiro plano.

A brinquedoteca, como é chamado o projeto, ainda é tímida, mas pode se tornar uma coqueluche para professores interessados em alternativas que fogem dos velhos métodos tradicionais de se ensinar Matemática. Ao invés dos cálculos e problemas, em sala de aula, são aplicados alguns jogos lúdicos de estimulação

de raciocínio, que fazem da Matemática um jogo de regras. São aplicados dama, dominó, torre de Hanói, quebra-cabeças, xadrez chinês, tangram, dobraduras, entre outros.

Aprender brincando

O primeiro passo é a conceitualização, partindo-se do seguinte questionamento: o que é o jogo? Com a torre de Hanói, por exemplo, a professora explica desde a origem até as regras. A lenda hindu diz que o deus Brahma criou o mundo e deu uma missão a três monges que cuidavam de um mosteiro. A tarefa era colocar 64 discos de um ponto inicial para o final, seguindo duas regras: passar um disco de cada vez, tendo-se o cuidado de manter o disco menor sobre o maior. Segundo a lenda, quando os monges terminassem a missão, o mundo acabaria.

Na realidade o jogo leva a criança a fazer 31 movimentos, descobrindo uma série de constantes. Depois de

trabalhar com pares e ímpares, além do raciocínio espacial, a criança passa por outros exercícios: qual o mínimo de movimentos possíveis? Quantas vezes o disco amarelo ou de outra cor foi removido? Qual o total de movimentos? A partir daí, o professor pode criar uma série de problemas, comparando o sistema de numeração, com ênfase ou não na subtração, soma, multiplicação, divisão, entre tantos outros. Também é possível trabalhar com produção de textos.

Para quem não sabe, o jogo da torre de Hanói tem de seis a 10 peças circulares de madeira. É um suporte de madeira com três pinos, onde os discos devem ser encaixados. A coordenadora do projeto, Sandra Leandro, explica que o projeto é bastante recente. Surgiu no ano passado, onde atuou com cursos de formação para 90 professores. Este ano a brinquedoteca está sendo aplicada na prática em apenas duas turmas de

bloco único de duas escolas. São 12 crianças de cada classe, na faixa de 9 a 10 anos. As aulas são oferecidas fora do horário das aulas normais.

Sandra lembra que no início a maior dificuldade dos professores era entender a Matemática como um jogo de regras. E é justamente assim que a brinquedoteca encara a Matemática. Por isso, foi realizado um curso específico com sistema de numeração, envolvendo os brinquedos.

Com a brinquedoteca, a Secretaria de Educação de Vitória apostou em novos instrumentos de apoio pedagógico. Depois dos jogos lúdicos, surgiu o projeto LEA - Laboratório de Ensino e Aprendizagem, que concentra a brinquedoteca, uma biblioteca específica para educadores, e a videoteca, com acervo de aproximadamente 400 fitas de vídeos educativos, que são emprestados para professores da rede, como complemento pedagógico para sala de aula.

Meta Sedu: apenas 5% de evasão

Imagine 95% das crianças de 7 a 14 anos freqüentando o ensino básico. Um mínimo de 70% de cada geração de estudantes concluindo o primeiro grau. Pense ainda em apenas 5% de repetência e evasão em todo o primeiro grau. Estes números não estão nos bancos escolares capixabas, mas fazem parte das metas para o estado do Plano Decenal de Educação Para todos.

Resultado de uma conferência internacional convocada por organismos mundialmente conhecidos - Unesco, Unicef, Banco Mundial e outros - o plano tem o objetivo de assegurar até o início do próximo século conteúdos mínimos de aprendizagem a crianças, jovens e adultos. A conferência foi em 1990, na Tailândia, onde o Brasil e mais oito países com problemas educacionais (como Egito, México, Índia) firmaram o compromisso de se juntar aos esforços mundiais pela universalização da educação básica.

De lá para cá, suscitado pelo Ministério da Educação, o assunto vem sendo tema de debates de norte a sul do País, envolvendo estados, municípios e 45 mil escolas públicas e particulares. Dentro das fronteiras capixabas, foram realizados diagnósticos e estabelecidas metas para a década de 1994 a 2004.

Efeito dominó

Os levantamentos revelam números que ajudam a engrossar a tragédia educacional do país. Com uma população de 2.598.505 habitantes, o Espírito Santo tem 17,47% de analfabetos. Dentro deste percentual, 15,11% estão na faixa de 15 a 29 anos, 62,03% de 30 anos e mais, e 22,86% entre 7 e 14 anos.

Na tentativa de reverter este quadro, o Plano Decenal envolve 71 municípios, cerca de 5 mil escolas, órgãos estaduais, federais e entidades civis. Numa espécie de efeito dominó, foram realizados debates, projetos, levantamentos, reivindicações, contidos em documentos que se juntaram a uma proposta final do Ministério da Educação.

Impulsionando esta corrente de discussões está o objetivo de evitar ações descoordenadas e isoladas e de promover o comprometimento das diversas instâncias com o pla-

no. Passada a fase dos debates, segundo técnicos da Secretaria Estadual de Educação, o projeto entra numa outra etapa - o encaminhamento até o próximo ano.

No estado, muitos dos problemas e propostas já eram previstos antes da conferência internacional na Tailândia. A diferença que poderá trazer resultados, desta vez, são as pressões internacionais pela eliminação do analfabetismo e garantia do ensino fundamental no Brasil e no mundo.

Segundo técnicos da Sedu, o Plano Decenal não é um projeto acabado. Ele faz parte de "um conjunto de diretrizes em processo contínuo de atualização e negociação, cujo horizonte é coincidir com a reconstrução do sistema educacional de educação básica".

Estas diretrizes vão servir de referência para a operacionalização nos estados, municípios e escolas, respeitando estratégia específica de acordo com os contextos locais. No Espírito Santo, as metas são variadas e foram definidas de baixo para cima, começando pelas próprias escolas.

Espectro amplo

Além de propor um piso salarial nacional para o magistério e o fortalecimento da instituição educacional, o documento final elaborado para o estado aborda: aumento da cobertura da educação infantil para 50% das crianças dos segmentos mais pobres da população; atenção integral a 30 mil crianças e adolescentes em áreas urbanas periféricas; bom aproveitamento dos alunos com reduções nas reprovações entre as 1ª e 5ª séries.

O documento sugere viabilização de currículos alternativos nas periferias urbanas e rurais, com ampliação nas oportunidades educacionais; instalação e ampliação de bibliotecas; fornecimento de material escolar; capacitação de professores; sistema eficaz de avaliação; ampliação das oportunidades de alfabetização e continuidade de estudos aos jovens e adultos subescolarizados; fornecimento de tecnologia e apoio às escolas.

Segundo técnicos da Sedu, a proposta é deixar os encaminhamentos para as escolas, entidades, enquanto os órgãos públicos fornecem apoio técnico e financeiro, supervisão e fiscalização.



Bloco único na proposta estadual para a educação

Uma nova proposta curricular e pedagógica está em fase de implementação na rede estadual de ensino. A criação do núcleo comum é uma das primeiras mudanças já observadas nas escolas. Ele elimina as divisões das turmas de 1ª a 4ª séries e coloca os alunos num bloco único de aprendizagem.

A avaliação de erros cometidos pelos alunos também não é a mesma do sistema antigo. "O aluno não erra, mas levanta hipótese e vai pesquisar para tirar conclusões próprias", explica a técnica da equipe de ensino fundamental da Secretaria de Educação, Marli Chaves Pirovani.

Com esta perspectiva, a Sedu ataca também um problema crônico logo na primeira série: mais de 50% dos alunos da primeira série, no sistema antigo, ficavam reprovados ou iam embora da escola. No novo sistema, as reprovações ficaram tão obsoletas

quanto a antiga fragmentação do conhecimento em disciplinas separadas.

Ganha espaço a interdisciplinaridade, palavra-chave do novo sistema. A abordagem dos assuntos já não fica restrita a cada disciplina. Os professores motivam os alunos a buscarem o máximo de informações sobre os temas levantados nas aulas. Com a proposta atual, o professor perde também a postura de dono da verdade.

Uma revolução

A proposta curricular que promete revolucionar a rede de ensino estadual foi buscar inspiração em Piaget e Vygotsky, pensadores com grande influência na pedagogia. Baseadas neles, as escolas estaduais devem seguir as diretrizes do construtivismo e da interdisciplinaridade.

A famosa "decoreba" perde espaço para o questionamento, a pesquisa, a visão crítica e a busca total do conhecimento. "É o aluno que vai construir o seu conhecimento", observa Marli Pirovani. Todo o trabalho educativo deve ser em par-

ceria e na troca de experiências entre professores, alunos, pais e comunidade.

O objetivo maior é fazer do aluno um transformador de sua realidade, adquirindo visão crítica dos conteúdos e buscando a totalidade dos conhecimentos. Marli Pirovani diz que o processo é dialético e depende de uma postura político-pedagógica, onde os professores devem ser conscientizados sobre uma nova teoria e uma nova política educacional.

Para isto, a Sedu está promovendo cursos de capacitação em todo o estado. O magistério ainda tem à disposição, na secretaria, uma equipe de técnicos para assessorar os professores com produção de textos e análise de materiais didáticos.

As escolas também são incentivadas a elaborar planejamentos com a participação de todos os segmentos - comunidade, professores, pais e alunos. Em conjunto - sempre em conjunto - são discutidas prioridades, conteúdos baseados em cada realidade, ações, busca de recursos. As atividades envolvem muita reflexão, participação e colaboração.

Baixo índice de instrução

O sistema educacional capixaba cresceu mas não garantiu formação básica aos estudantes. Esta é uma das conclusões de debates regionais em torno do Plano Decenal de Educação Para Todos. O diagnóstico contido em documentos da própria Secretaria Estadual de Educação revela um estado pródigo em números de falta de oportunidades, baixo nível de instrução e outros índices que engrossam as estatísticas da ignorância nacional.

Em relação ao nível de instrução da população capixaba, observa-se que de um contingente de 1.932.275 pessoas de 10 anos e mais de idade, 16,85% não têm instrução ou têm menos de um ano de estudo; 43,12% possuem de um a quatro anos de estudos e 21,91% têm de cinco a oito anos de estudo.

O percentual da população de 7 a 14 anos não alfabetizada, em 1990, estava em 17,76%. Entre as crianças em idade pré-escolar (4 a 6 anos), o déficit é ainda maior - 43,92% ainda permanecem sem oportunidade de acesso à pré-escola.

Também é preocupante o aspecto físico das escolas. O atendimento educacional é feito em 5.016 estabelecimentos de ensino. Deste total, 4.728 são da administração pública (federal, estadual e municipal) e 288 da rede particular. Das escolas públicas, 3.686 possuem até quatro salas de aula. Destas, 2.860 têm uma única sala. Na área rural, as escolas (3.623) são unidocentes, com turmas multigradas (estudantes com escolaridade diferente estudam na mesma sala e no mesmo horário).

Comparando dados de matrículas aos de rendimento, verifica-se que de 114.982 crianças matriculadas na primeira série em 1984, 44.429 (38,6%) chegaram à quarta série em 1987, e apenas 17.146 (14,9%) concluíram a oitava série em 91. Na zona rural, a situação é mais grave - 13.249 (24,9%) chegaram à 4ª série, e 923 (1,7%) terminaram a 8ª série.

Procel tem proposta para economizar energia

Como economizar energia? A resposta é encontrada no Procel (Programa Nacional de Energia Elétrica) nas escolas. Voltado para crianças de 5ª série, o programa é um dos aliados do governo federal num plano de ataque ao desperdício no setor elétrico no país. Somente no Espírito Santo foram orientados 27.374 alunos, entre 1986 a 1993. Neste ano (94), outros 8 mil estudantes vão se somar a este grupo que já aprendeu a receita básica da economia nas contas de luz.

A proposta do projeto é formar nos alunos a consciência indispensável para a importância da redução do consumo de energia e a necessidade de mudanças de hábitos no seu uso. As mudanças passam por gestos simples dentro de casa: desde banhos em tempo menor, janelas e portas fechadas quando o ar condicionado estiver ligado até a abertura da geladeira numa única vez para pegar tudo o que for preciso.

Palestras

No estado os trabalhos são coordenados pela Escelsa. A empresa tem 32 técnicos treinados para as palestras em todo o território capixaba. Eles trabalham como voluntários e recebem orientações didáticas. Geralmente, são aproveitadas as aulas de Ciências das escolas. Portando vídeos, cartilhas, adesivos, jogos educativos, todos ilustrados com a turma da Mônica (do cartunista Maurício de Souza), os instrutores ensinam como evitar o desperdício. Também são aproveitados eventos como feiras de ciências e encontros de escoteiros.

As palestras abordam os impactos ambientais provocados pelo setor elétrico, os altos custos, os caminhos da energia desde o interruptor de uma lâmpada até a geração numa

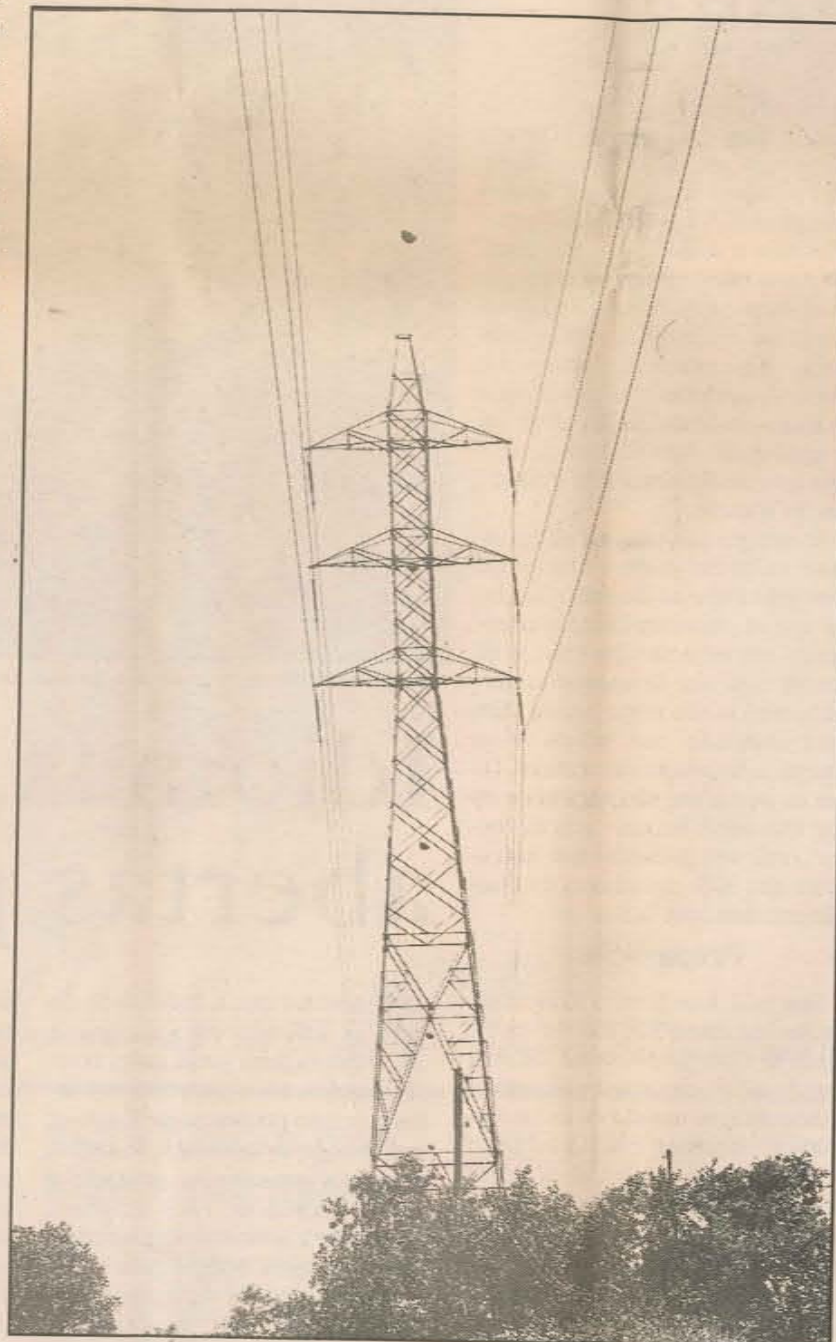
usina, os perigos e as formas de economizar. Para 95 a meta é dobrar o número de alunos atendidos. Em 94, só foram alcançadas escolas de Vitória e do interior, ficando de fora as de Vila Velha, Serra, Cariacica e Viana.

No próximo ano, toda esta região será incluída no mapa do Procel. Também estão em estudos a inclusão do 2º grau no programa e o treinamento de professores. Segundo as coordenadoras do Procel nas escolas, Zaine Cheim e Eliana Figueiredo, as pressões das escolas são grandes para entrar na lista do Procel.

Resultados

Criado em 85 pelo governo federal, num pacote de medidas para o setor elétrico, este trabalho educativo ainda não tem um resultado. A nível de Espírito Santo, a Escelsa começou a buscá-lo através das contas de energia das residências dos alunos. Logo quando uma escola é agendada para a palestra, a empresa pede que os estudantes levem as contas mais recentes. Estas faturas têm seus números e índices de consumo inseridos nos computadores. A partir daí, começa o acompanhamento mensal visando à detecção de uma possível redução no consumo após a palestra.

Por enquanto não há conclusões. O trabalho sobre cada residência deve durar no mínimo 6 meses. São consideradas estação do ano, férias e outros dados determinantes no consumo de energia. De acordo com Zaine Cheim, um dos objetivos do programa é fazer da criança um agente de divulgação junto às famílias, visando à redução do consumo. O acompanhamento da fatura nos computadores pretende checar a influência das crianças treinadas dentro de casa.



Os prejuízos do desperdício

O desperdício mensal de energia elétrica no Espírito Santo é de 41 mil MWh, quantidade suficiente para abastecer 160 mil residências e deixar um prejuízo de US\$ 2 milhões e 400 mil. Para estancar esta corrente capaz de jogar recursos fora com um simples acender de lâmpada foi criado em 85 o Procel - Programa Nacional de Energia Elétrica.

Racionalização é a palavra chave do programa, de abrangência nacional e elaborado através da união de vários ministérios e entidades privadas como as Confederações Nacionais da Indústria e do Comércio. Uma de suas metas é convencer consumidores de que, evitando banhos demorados, lâmpadas acesas sem necessidade, ou alimentos quentes em geladeiras, eles poderão ajudar o país a economizar US\$ 34 bilhões até o ano 2015 - recursos que dariam para construir uma usina do porte da de Itaipu, a maior do Brasil.

Além do braço educacional nas escolas, o Procel engloba outras atividades: desenvolvimento tecnológico, feira da energia do lar, substituição de lâmpadas incandescentes na rede de iluminação pública, orientação sobre fabricação de equipamentos domésticos e industriais, identificação de desperdícios em instalações industriais, comerciais e públicas.

O objetivo é buscar eficiência, economia, redução de custos e de investimentos em novas instalações no sistema elétrico. Em quase uma década de existência, o programa já conseguiu avanços importantes. Alguns exemplos vêm da área industrial. Hoje, já se produzem equipamentos domésticos e industriais com melhor desempenho e menor consumo.

É o caso das lâmpadas compactas fluorescentes. Com uma lâmpada desta, de 13 watts, consegue-se a mesma iluminação de uma comum (incandescente) de 100 watts. Além de menor consumo, ela ainda tem a vantagem

de uma vida útil oito vezes maior.

A parte mais difícil do programa é a conscientização e a mudança de hábitos sobre o uso da energia elétrica. Segundo Renato Abrahão de Lima, gerente da Divisão de Utilização de Energia da Escelsa, é preciso convencer a sociedade sobre os altos custos da geração de energia elétrica e os impactos ambientais causados pelas usinas - desde desvio de rios até alagamentos de grandes áreas.

"A energia elétrica provém de recursos naturais limitados como as fontes hidráulicas, 96% da energia do país vêm dos rios", lembra Abrahão. Somada aos problemas ambientais, existe a preocupação com a falta de recursos financeiros. O sistema elétrico atual só tem capacidade para atender a demanda até 1998. A partir daí, novos investimentos serão necessários.

Com a escassez de recursos, resta o convencimento da população sobre o uso de energia elétrica sem desperdício. "Temos que mostrar que energia custa caro à sociedade", enfatiza Renato Abrahão. Ele cita o exemplo do chuveiro. A geração de cada kWh tem por trás um custo de US\$ 2 mil em instalações. Um kWh é apenas a metade do que se gasta para abrir a torneira de um chuveiro elétrico.

Para buscar a conscientização e a adoção de medidas práticas e fáceis, a Eletrobrás está desenvolvendo uma nova metodologia para o Procel nas escolas. A proposta é estender o programa até o segundo grau, escolas técnicas e universidades, criando disciplinas específicas e transformando professores de Ciências em instrutores. Com isto, seria possível um trabalho permanente, não ficando reduzido apenas a uma palestra por turma - como funciona atualmente.

Segundo Renato Abrahão, o problema do setor elétrico não está restrito ao Brasil. Ele se estende ao mundo todo. Há muito tempo, países desenvolvidos fazem campanhas de racionalização do consumo de energia.



Uma equipe sempre pronta para induzir a economia no consumo de energia elétrica

Preparando o consumidor do futuro

Pouco mais de cinco anos. Este é o tempo que falta para o ano 2000. O novo milênio, o terceiro, deve conhecer um consumidor diferente. Bem informado, exigente e conhecedor de seus direitos. Este é o objetivo do Projeto Brinquedo Educar, desenvolvido pelo Procon do Espírito Santo.

Num país onde levar vantagem em tudo virou regra, a melhor forma de proteger o consumidor é a educação. Seis fiscais do Procon viraram professores. Desde o início do mês eles estão dando aulas para crianças de 9 a 13 anos. "Fiscalizar apenas não adianta", diz o coordenador do projeto, Valdir Loureiro. Ele acredita que o Código de Defesa do Consumidor deveria ser ensinado nas escolas.

Cuidados

O Código de Defesa do Consumidor foi criado em 1991, mas é desconhecido da maioria dos brasileiros. Nas escolas as crianças aprendem com poucos

anos de vida a somar, dividir, multiplicar e diminuir. A matemática é fundamental no mundo do consumo, onde um mais um é igual a dois reais.

Mas desde cedo as crianças aprendem também a contabilizar prejuízos. São facilmente iludidas por propaganda e produtos enganosos. Um exemplo é o famoso dinossauro, muito vendido por camelôs no estado. Testes em laboratório já encontraram excesso de chumbo em alguns destes brinquedos, metal prejudicial à saúde das crianças.

Levando informações para as crianças, o Procon quer evitar situações como esta no futuro. As crianças aprendem noções básicas na hora de fazer uma compra. Antes de brincar, é preciso ver quem fabricou o brinquedo, se existe manual escrito em português, a idade a que se destina o produto e principalmente pedir a nota fiscal. Todas estas informações elas recebem numa cartilha de linguagem simples.

Marcelo Soares, de 10 anos, estudante do Colégio Americano, assistiu a uma aula de duas horas. Ficou atento o tempo to-

do. No final disse que não sabia que a nota fiscal era tão importante. "Agora vou pedir a nota fiscal porque ela serve como garantia de até 90 dias. Se houver algum defeito, eu tenho o direito de trocar", disse, satisfeito.

Outra preocupação do Procon é com a violência. As armas de brinquedo já são usadas, em pelo menos, 10% dos assaltos praticados por menores na Grande Vitória. As armas ficaram muito parecidas com as verdadeiras. O Procon está apreendendo essas armas porque estimulam a violência. Os alunos são informados da ameaça que estes brinquedos representam.

Os resultados já aparecem: a estudante Ana Gabriela de Almeida, de 10 anos, aprendeu a detestar o brinquedo. Disse que coloca em risco a segurança dela. Depois que as aulas começaram, algumas crianças já entregaram no Procon armas de brinquedos para serem destruídas. No início o trabalho começou na sede do órgão, mas por falta de espaço os fiscais agora vão às escolas. Para os colégios que estiverem interessados nes-

Cursinho nem sempre é motivo de stress

É muito comum associar o pré-vestibular, o popular cursinho, a palavras como estresse e frustração. Mas alguns professores garantem que este período pode ser mais ameno se os alunos tiverem um formação mais consistente, em vez de se dedicarem aos estudos apenas em um ano. Apesar da reinante defasagem educacional, o sonho de passar no vestibular é muito comum. Por isso os cursos, todos particulares, proliferam pela cidade e acirram a concorrência, cuja tendência é aumentar a carga horária e melhorar a qualidade.

A Ufes é o grande alvo, mas não o único, informa Pedro Valadão Peres, responsável pelo curso Objetivo, que tem matriz em São Paulo e filiais em vários pontos do país. "É comum em qualquer lugar os alunos chegarem no pré-vestibular com uma defasagem muito grande, apesar de o aluno já ter visto o conteúdo do vestibular no 1º e 2º ano", observa.

O Objetivo começou no estado há quatro anos, e hoje já se encontra na Reta da Penha, em Vila Velha (centro), na Glória e, talvez no próximo ano, em Jardim Camburi. A instituição tem 28 anos. E começou, no estado, dentro do Colégio Americano.

Especialistas

Os professores desta faixa de escolarização têm características bem marcadas, que são ressaltadas pelos alunos. O conteúdo, por sua grande extensão, tem que, obrigatoriamente, vir acompanhado de uma certa descontração, de leveza, para não tornar o ensino massacrante. As técnicas para prender os alunos são variadas.

No Objetivo, por exemplo, além de 8 cadernos de disciplinas, 43 livros da coleção Objetivo e um caderno de revisão, os alunos contam ainda com aulas em vídeo, que contém, inclusive, comentários de Joelmir Beting.

Aqueles ensinamentos dos mestres da educação não são muito comuns em cursinho. Metodologias, técnicas e teorias cedem espaço a um conhecimento sistematizado. Para combater esta situação, Heloisa Mannato, professora e responsável pelo cursinho do Salesiano aposta em um "ensino mais humanizado".

"Para ministrar um cursinho, o

zer a tensão, aliviar o peso das cobranças e a frustração caso o aluno seja reprovado. "A intenção é gerar uma educação mais humana", explica Heloisa, que complementa dizendo que a escola segue a filosofia dos três pilares: razão, religião e afetividade. O resultado deste postulado, segundo Heloisa, é uma educação de qualidade, mas sem desprezar o ser humano. "Aqui temos um clima de família. Estabelecemos limites e visamos ao equilíbrio".

Heloisa acrescenta que não é só um bom conteúdo que vai fazer o aluno passar no vestibular. "Ele tem que ter condições psicológicas para enfrentar a prova". A orientadora pedagógica da escola, Cláudia Santuzzi, observa que o vestibular é excludente e que nem sempre o aluno que é reprovado está despreparado. Portanto, argumenta: "Se a escola tiver 20 mil gênios. Só 2,4 mil vão passar".

Depois do vestibular começa a guerra dos números para mostrar quem aprova mais. E a concorrência é saudável? Nem sempre, avalia Heloisa, que ressalta haver deslealdade. "Quando a concorrência é séria, é positiva". O acirramento da disputa nessa área obrigou os cursinhos a aumentarem as aulas-extras, que geralmente acontecem nos sábados, domingos e fora do turno habitual durante a semana. Porém, Heloisa argumenta que os alunos necessitam de um tempo para estudar em casa ou mesmo relaxar.

Concorrência

O investimento na área é tão pesado que o diretor responsável pelo Darwin já anuncia que o pré-vestibular do local que administra é feito em 3 anos. "Noventa e cinco por cento da matéria já foram dados antes do cursinho. Tem que ter uma base boa, porque o terceiro ano tem que ser uma revisão", explica Ricardo Gonçalves, responsável pelo curso. O Darwin prioriza a prova discursiva e divide as turmas de acordo com o curso escolhido. Como a procura no curso noturno é menor, não há divisão de turmas durante a semana, e sim aos sábados.

O Darwin surgiu de uma união dos professores do Colégio Nacional. Conta Ricardo Gonçalves que na escola de origem havia divergências, que concentravam as críticas em re-

até instalar-se em sede própria em frente a Ufes. "A criação do Darwin foi boa para todo mundo. Desde 1973 a disputa ficava entre Nacional e Salesiano. Antes disso, era entre Salesiano e Americano. Em 1987 não havia mais concorrência porque o Salesiano e o Nacional dominavam o mercado e já estavam com as salas cheias. A concorrência aumentou o salário do professor e a carga horária do aluno, resultando em um ensino de qualidade. A concorrência só é ruim quando alguém abaixa o nível", conclui Ricardo.

As antigas salas especiais, que tinham caído em desuso, funcionam com toda força no Darwin. Os alunos que se destacam ficam concentrados em uma mesma sala, e de acordo com seu desempenho permanecem ou não nessa turma. "Em cada simulado, nos vemos se os alunos continuam nas turmas. Os que se destacam vão para ela e os que têm notas baixas saem da turma", informa Ricardo, que acrescenta que 30% dos alunos do Darwin estudam com bolsa.

Preparação

Segundo José Sidney Riva, mais conhecido como Sid, diretor-presidente do Colégio Nacional, há uma grande defasagem que é perceptível principalmente nos alunos de escolas públicas estaduais. Ele afirma que o professor do cursinho, além de ter domínio do conteúdo, e passar confiança por isso, tem de saber como tirar a tensão e prender a atenção do aluno.

"O professor passa por um estágio. Raramente ele entra direto no cursinho. Uma coisa curiosa hoje é que normalmente os melhores professores de áreas de exatas, Biologia e Química não são professores formados para dar aulas. Esta é uma situação que se encontra no país há mais de 30 anos. Isto se deve ao nível do candidato que entra na universidade. Geralmente quem dá aula de Biologia é médico, de Matemática é engenheiro. Isto prova que os professores não estão sendo bem preparados pela universidade, que necessita fazer uma análise séria sobre isto. O que também prova que os alunos que cursam Medicina e Engenharia são mais preparados", avalia Sidney.

O Colégio Nacional, segundo Sid-



A Aliança Francesa associa o ensino do idioma a informações culturais

Idiomas, as portas abertas para o mundo

É notório que a habilidade de se defender em uma língua estrangeira pode gerar bons dividendos, além do relativo status que isso proporciona. Entre as opções que se salientam, o inglês é o mais procurado, gerando o aparecimento de vários cursos, acirrando a concorrência. O mercado apresenta opções para todos os gostos, desde os mais tradicionais aos mais recentes. O francês continua sob o domínio da Aliança Francesa, enquanto o alemão, aqui no estado, guarda sua herança no Instituto Teuto-Brasileiro.

O franchising é uma prática completamente estabelecida e se prolifera em nomes consagrados pela procura como, por exemplo, Number One, Ibeuv, Yázigi, CCAA, entre outros. Essas escolas preenchem uma lacuna no ensino de línguas, já que escolas públicas e particulares não o priorizam. Os métodos se sofisticam e as escolas apresentam muitos atrativos, a notar pelas modalidades de ensino específico.

da Aliança são regularmente enviados para estágios na França, além de possuir o curso do Nancy e/ou licenciatura em Letras. Ele também informa que "a língua francesa é prima da portuguesa e portanto não apresenta senão uma dificuldade relativa aos brasileiros". Para ter um bom desempenho, aconselha Hervé, é necessário assistir às aulas, estudar o mínimo, utilizar um bom método e ter um bom professor, além de estar motivado para aprender o idioma escolhido e ter conhecimento da língua materna.

A Aliança Francesa é o centro de exame dos novos certificados do Ministério da Educação Nacional Francês, Delf e Dalf. O Delf é apresentado durante o curso básico e de aperfeiçoamento (a partir do 3º semestre do curso básico). O Dalf permite a seu titular estudar numa universidade francesa sem precisar submeter-se a teste de proficiência de língua, para o qual a Aliança Francesa é também conveniada à Capes e ao CNPq.

encaminhamos esta pessoa ao serviço alemão de lá. Elas conseguem com facilidade. Temos cinco alunos na Alemanha". De acordo com Seide, a escola tem hoje 70 alunos e é o número mais baixo registrado em sua história. O Instituto Teuto-Brasileiro funcionou durante anos na Avenida Jerônimo Monteiro, no centro, em frente ao prédio dos Correios, em salas pequenas e local sem estacionamento, mas que atraía estudantes e interessados nos filmes alemães de qualidade que a instituição exhibe.

Alternativas

O Yázigi também conjuga língua e cultura, oferecendo mostras de artes plásticas e projetos culturais. O curso é um franchising e está espalhado em todo país, apresentando programas para o Brasil e para o exterior, além de também ensinar alemão e português.

No Brasil, os cursos se subdividem em várias áreas de interesse. O Kids, com duração de 70 horas, em 2 estágios, é destinado a cri-

pré-requisito básico é a experiência em sala de aula”, ensina Heloisa, que trabalha no sentido de dar estrutura emocional aos alunos, além de oferecer ensinamentos básicos a respeito de organização de horários, através de um serviço prestado pela orientação pedagógica.

O Salesiano hoje conta com cinco psicólogos que trabalham para desfa-

ção à metodologia e ao salário. “Foi um grande investimento. Nosso capital era o nome dos professores, bastante conhecidos em Vitória. Começamos no Colégio Brasileiro, na Reta da Penha”, lembra Ricardo.

Depois da experiência bem sucedida no Colégio Brasileiro, o Darwin foi para um prédio atrás do restaurante Minuano, em Jardim da Penha,

conta hoje com aproximadamente 1.100 alunos e tem instalações em Jardim Camburi, Vila Velha, Praia do Canto e centro de Vitória. Quanto à concorrência, Sid tem avaliação positiva. Ele acredita que os “disputantes são forçados a se aprimorarem. Há necessidade de estarem sempre se autoavaliando para atender ao mercado”.



A descontração das aulas do Darwin espantam a tensão pré-vestibular

Língua e cultura

Mas para algumas apenas o ensino da língua não é suficiente. Este é o caso da Aliança Francesa que associa a aprendizagem a informações culturais a partir de exposições, filmes e espetáculos. A instituição tem mostrado, durante os anos, as peculiaridades da língua francesa, que propicia uma diferenciada forma de pensamento.

A Aliança Francesa, da Praia do Canto, tem estatuto assinado pela mesma entidade em Paris, sendo administrada por um comitê brasileiro, fazendo parte de um conglomerado espalhado em 55 cidades do Brasil e 150 países. Segundo o diretor da Aliança Francesa de Vitória, Hervé Salaün, é impossível separar língua e cultura, pois “cada língua é portadora de valores próprios encontrados em sua cultura”.

Ele informa que a Aliança oferece curso básico intensivo de um semestre em cinco semanas, além do curso básico (em dois livros), de aperfeiçoamento e superiores (de conversação), da universidade de Nancy (três anos), e curso de peraração ao Dalf (4 semestres). Outros cursos são realizados conforme a demanda para empresas, para viagem, para vestibular e para crianças.

Segundo Hervé, os professores

Tradição

O professor e diretor do Instituto Teuto Brasileiro, Frederico Seide, conta que o ensino do alemão começou muito antes da proibição do idioma no Brasil em 1938, quando as colônias alemãs no país tiveram suas escolas fechadas, devido à imagem negativa da Alemanha na Segunda Guerra. Enquanto isso, as colônias continuaram clandestinamente seus ensinamentos, para que os descendentes tivessem alfabetização garantida.

Segundo Frederico Seide, o ensino do alemão existe em Domingos Martins desde 1855, depois se espalhou em Santa Leopoldina. Hoje a procura é muito pequena em decorrência da supremacia do inglês.

O professor informa que a maior procura é feita daqueles que querem continuar os estudos na Alemanha, ou por filhos de descendentes que não querem perder o contato com a língua. No entanto, ele acrescenta que só uma minoria completa o curso. “Na Alemanha os alunos têm aprendizagem muito mais rápida, devido ao contato estreito com a língua”, observa.

O curso básico é realizado em 8 semestres e o médio pode ser feito em 3 ou 4, dependendo do desempenho da turma. “Tem gente que faz o curso porque quer passar um ano com uma família alemã. Nós

anças de 7 e 8 anos, através de jogos, música e dramatização. O Post-Advanced é para quem deseja aprofundar e aperfeiçoar conhecimentos, visando a exames de proficiência, admissão a universidades no exterior ou contratação por empresas estrangeiras.

No JEP, com seis estágios, os alunos aprendem inglês através de atividades que visam a desenvolver a consciência ambiental e a percepção de outras culturas. O Updating visa à manutenção do inglês com atividades de conversação. A discussão de assuntos atuais é o foco do curso intitulado Imagine, com duração de 150 horas, em 3 estágios. Já os que desejam viajar a dica é o On Tour, de 20 horas, pois apresenta situações bem definidas do cotidiano no exterior.

O teste para obtenção do certificado da Universidade de Londres é aplicado no Brasil exclusivamente pelo Yázigi. Os testes são apresentados em vários níveis de aplicação. O Quest visa ao desenvolvimento da abrangência, variedade e precisão do repertório linguístico do aluno. As atividades são organizadas em módulos (150 horas em 3 estágios). Já o Inter English foi desenvolvido para o uso internacional de inglês nas situações do cotidiano como turista de países de língua inglesa ou não.

Escrito didático tem destaque no estado

A produção de textos teóricos sempre foi considerada termômetro do interesse da localidade que os produz na educação. Apesar de editar poucos livros, o estado já apresenta alguns exemplares de importância, frutos de observações e pesquisas que visam à transformação da realidade. Neste caso, a Ufes é

a instituição que comanda a confecção da maior parte dos escritos didáticos ou reflexivos a respeito do ensino.

Entre os trabalhos publicados se destacam **A Matemática na Alfabetização**, de Angela Maria Calazans, **O Jogo no Contexto da Educação Psicomotora**, de Vania Carvalho de Araujo, **O Sistema de**

Pontuação: Da Sintaxe ao Discurso, de Hilda de Oliveira Olímpio, **Estudos Sociais (Estado do Espírito Santo)**, de Miguel A. Kill, **Português para Estrangeiros**, de Ester Abreu Vieira de Oliveira e **Gramática - Redação-Interpretação**, de J. João Campagnaro, além de texto publicado numa coletânea do MEC so-

bre a formação do leitor, intitulado **Significação e Intertextualidade: uma possível contribuição para a formação do leitor**, de Rita de Cássia Maia e Silva Costa.

Na área de Educação Física, utilizando a prática pedagógica como campo de investigação, a professora Vania Carvalho de Araujo escreveu **O Jo-**

go no Contexto da Educação Psicomotora, que é caracterizado pela intenção de desenvolver a participação e o envolvimento durante as aulas com crianças do pré a 4ª série do 1º grau.

Vania pretende demonstrar a influência do jogo na vida da criança e sua relação com as atividades desenvolvidas sob a

ótica da educação. O livro traz dois enfoques básicos. O primeiro é uma abordagem da teoria de Piaget e do aspecto psicomotor. O segundo caracteriza-se pela importância do jogo como fator coadjuvante no processo de estimulação dos aspectos psicomotores, especificamente na idade infantil.

Incutindo confiança

Estudos sociais relativos ao Espírito Santo é o teor do livro de 1º Grau de Miguel A. Kill. Professor de prática de ensino de Geografia na Ufes, Miguel abordou de forma leve aspectos da história e geografia do estado, percorrendo os municípios e os enquadrando num contexto nacional.

Miguel Kill inicia mostrando a dimensão territorial brasileira, as relações com os vizinhos. Passando para o Espírito Santo, a natureza ganha destaque através de suas árvores, rios e lagoas - ponto de partida para introduzir uma história, na qual figuram o primeiro donatário da capitania, a "catequização" dos índios e o povoamento.

São abordadas também a relação com a Europa, a visita do imperador, além de indicar noções de administração de um estado. A era escravocata, as plantações, os rebanhos, as riquezas minerais, a industrialização, o comércio, o transporte, a bandeira e o hino complementam a obra.

No ensino da Matemática, a professora Angela Maria Calazans, mestre em educação pela Ufes e bacharel em Administração, revisa vários conceitos corriqueiros. Segundo afirma o seu livro, trata-se essencialmente de "educação matemática", para levar os alfabetizados a readquirirem confiança em sua capacidade de aprender Matemática, percebendo que ela inte-

gra seu dia-a-dia e que a lógica dos cálculos mentais, utilizada para solucionar problemas rotineiros, pode ser representada de várias maneiras, inclusive a divulgada pela escola.

Os argumentos apresentados pela autora, dentro do quadro teórico que caracteriza a pedagogia proposta por Freire e a escola construtivista, são retomados discutidos e ampliados na análise da produção oral e escrita do conhecimento matemático em quatro círculos de cultura. Em sua apresentação consta que "os dados empíricos são provenientes de uma pesquisa durante a qual alfabetizando, alfabetizadores e pesquisadores aprenderam juntos".

A idéia é mostrar que a dicotomia entre teoria e prática tem como raízes o desconhecimento pelos próprios alfabetizadores, fortalecendo-se no receio de os alfabetizados não estarem aprendendo quando se afastam dos padrões tradicionais de ensino. A conclusão é que o excesso de formalismo mata o desejo de aprender e gera fracasso na aprendizagem. Mas a problematização contextualizada das questões matemáticas, aliada à valorização do pensar do alfabetizando, expressa pelos seus cálculos mentais, leva a uma programação, cuja seqüência difere significativamente da gradação de dificuldades representada nas propostas curriculares tradicionais.

ISSO É QUE É
ENSINO SUPERIOR.

ESCOLA SANTA ADAME

NA ESCOLA SANTA ADAME O CONCEITO DE ENSINO TEM UMA CONOTAÇÃO MAIS ABRANGENTE DO QUE A SIMPLES MEMORIZAÇÃO E DISCIPLINA. ESTES ELEMENTOS SÃO VISTOS COMO O PONTO DE PARTIDA PARA A FORMAÇÃO DE INDIVÍDUOS CAPAZES DE PENSAR, CRIAR E ELABORAR SEUS PRÓPRIOS CONHECIMENTOS.

E ISSO, PRA GENTE, NÃO É APENAS IDEOLOGIA. CONTAMOS COM UM SUPORTE TÉCNICO E OPERACIONAL, ALÉM DE UMA ESTRUTURA COMPATÍVEL.

ENTRE OS NOSSOS DIFERENCIAIS PODEMOS DESTACAR OS SEGUINTE PONTOS:



Textos sobre língua portuguesa

Os textos mais volumosos (didáticos ou reflexivos) produzidos por pesquisadores capixabas são referentes à língua portuguesa. O trabalho de Hilda de Oliveira Olímpio, doutora em Letras pela UFRJ e ex-professora de língua portuguesa, investe contra a tradição gramatical do português, cuja tendência é fazer uma associação entre os sinais de pontuação da escrita e os traços pausais e entonacionais da língua oral. O livro, editado pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida, aborda, preferencialmente a vírgula, o ponto, e o ponto e vírgula. Discutem-se os sinais obrigatórios e opcionais, a distinção entre linguagem escrita e oral. Conforme apresentação do livro sua pretensão é questionar a fundamentação prosódica no tratamento da pontuação, e tentar uma investigação das questões sintáticas, semânticas e discursivas que levam quem escreve a tomar uma decisão no ato de pontuar um texto.

Enquanto a professora partiu para um trabalho específico, o professor J. João Campagnaro, formado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Ufes, preferiu ser mais genérico. Seu livro, de 405 páginas, editado pela Letras & Letras, tem como proposta fornecer aos professores e aos alunos um visão abrangente sobre os assuntos gramaticais.

Dentro de uma gramática leve aparecem numerosos testes de vestibulares de várias universidades e de concursos de 1º e 2º graus. Um dos conselhos do autor é que, devido o enorme conteúdo, o usuário saiba dosar os conhecimentos conforme a necessidade. O livro incluiu um gabarito das questões propostas, o que facilitará o trabalho não só do aluno em sala de aula, como também do autodidata.

2.500 palavras

Uma grande curiosidade da obra é o aconselhamento feito pelo professor sobre o estudo da língua portuguesa. Ele dá dicas sobre a organização do

tempo, planejamento, assimilação e leitura. Um exemplo: "só estude com colegas após ter estudado sozinho e sempre no sentido de complementar pontos de vista".

A partir da experiência do ensino também surgiu Português para Estrangeiros, com 31 lições, de autoria de Ester Abreu Vieira de Oliveira, do Departamento de Línguas e Letras da Ufes. A idéia do livro veio quando foram iniciadas aulas de português para estrangeiros na Ufes. A medida que o trabalho ia sendo desenvolvido nas aulas, as lições iam crescendo e eram testadas. A tarefa custou sete semestres.

Nas lições foram empregadas cerca de 2.500 palavras de língua portuguesa, 1.500 das quais são empregadas com maior frequência junto com estruturas básicas da língua. Em algumas das lições foram inseridas noções de cultura brasileira. As lições foram aplicadas a estrangeiros de diversos idiomas, entre eles o italiano, o espanhol, o alemão, o japonês, o inglês e o persa. A introdução mostra os passos da construção da obra. O texto serve como base para os estudiosos de ensino de língua estrangeira por abordar as particularidades do ensino de um outro idioma.

Um texto capixaba também ganhou espaço na coletânea do MEC **A Formação do Leitor**. Escrito por Rita de Cássia Maia e Silva Maia, professora da Ufes e coordenadora do projeto estadual Pró-Ler. Em síntese, a edição afirma que o domínio da leitura e da escrita constitui condição essencial para assegurar o sucesso escolar e o exercício pleno da cidadania.

A professora se dedica a desvendar o tratamento artificial dado à linguagem nos programas escolares. Ela explica que junto a esta situação o uso inadequado da metalinguagem como forma de apreensão da língua tem sido responsável por sérios equívocos na educação lingüística, que revela discriminação social e política.

Projetos didáticos ao alcance do povo

Seguindo uma política nacional de estímulo da leitura, montando bancos de dados e levando à população informações valiosas no processo da formação do indivíduo, **A Gazeta** tem executado projetos - e elabora outros - de cunho didático voltados para a população. O Projeto Educar já lançou vários suplementos especiais. O dia 28 de fevereiro marcou o início do trabalho com a assinatura dos convênios que viabilizaram a publicação da série **Municípios do Espírito Santo**, uma realização de **A Gazeta** e do Departamento Estadual de Estatística (DEE), com o patrocínio do Governo do Estado e da Cesan.

Os cadernos sobre os municípios serão publicados até dezembro, totalizando 16 fascículos. Em formato tablóide, com 16 páginas, tem conteúdo voltado de maneira especial para o jovem de 1º e 2º graus, além de servir como suporte para a pesquisa.

Os dados estatísticos são provenientes do DEE. A pesquisa é realizada pela jornalista Linda Kogure, que assina todos os textos e consulta, em média, dez livros por edição, além de fazer entrevistas e pesquisas de campo. A jornalista e os fotógrafos Tadeu Bianconi e Valter Monteiro percorrerão, até a publicação do último caderno, mais de 25 mil quilômetros.

História

Exceção feita ao município de Vitória (que teve uma edição exclusiva), as demais publicações reúnem municípios com afinidades geográficas. Ao todo serão 72 municípios enfocados. Os suplementos têm especial utilidade para colecionadores, uma vez que é iniciativa inédita e uma tentativa de se recontar a História do Espírito Santo.

A Gazeta também desenvolveu o **Projeto Mapas**, em parceria com a Fundação Roberto Marinho. Foram publicados o Mapa Mundi, o Mapa Político do Brasil e o do Espírito Santo, contendo as modificações

ocorridos nos últimos tempos relativas a nomenclatura e formatação geográfica, como é o caso do Leste Europeu e, no Brasil, a divisão de estados, territórios e municípios.

"As escolas estavam sem mapas atualizados. O Mapa Mundi trouxe as transformações ocorridas nos últimos tempos. A aceitação foi tão grande que, para essa edição, a tiragem foi aumentada em 30%", afirma Maria Alice Lindenberg, assessora de Comunicação Social da Re-



Maria Alice: "Estamos ampliando o público da literatura local"

de **Gazeta**, acrescentando que com a publicação do Mapa do Brasil a edição do jornal teve uma tiragem 50% maior que a habitual, e o Mapa do Estado teve a edição duplicada.

O **Projeto Nossolivre** já publicou três títulos de escritores capixabas e pretende editar, em parceria com a Ufes, 12 livros com ilustrações de onze artistas plásticos do estado. O objetivo é difundir a literatura local, em formato tablóide, fornecendo ao leitor a oportunidade de conhecer o produto cultural publicado aqui. "É um projeto muito oneroso e não conseguiríamos realizá-lo sem o apoio da Prefeitura de Vitória", conta Maria Alice.

A primeira publicação trouxe textos do cronista Rubem Braga, que foi seguida de Carmélia Maria de Souza e Luiz Guilherme Santos Neves. São mais de 30 mil exemplares espalhados pelo estado, em cada edição, com provável utilização didática nas aulas de literatura de todas as redes de ensino. "Estamos ampliando o público da literatura lo-

cal", comemora Maria Alice.

O suplemento infantil **A Gazetinha** (que completou 30 anos e é a mais antiga publicação voltada para a criança em todo país), que sai aos sábados, também será reformulado para atender ao Projeto Educar. Os programas elaborados por técnicos da área de educação deverão acompanhar rigorosamente os currículos de um determinado número de escolas que serão escolhidas para o desenvolvimento desse projeto piloto.

Na medida do êxito do programa, está prevista uma abrangência cada vez maior no sistema de ensino. Sendo leitores potenciais de **A Gazetinha** jovens de até 12 anos de idade, o material será mais voltado às necessidades do aluno da 1ª a 4ª séries do 1º grau.

As reservas ecológicas do Espírito Santo também ganharam três edições em formato tablóide. Partindo do pressuposto que só se preserva o que se conhece, as publicações repassaram à população informações sobre parques, estações e reservas ecológicas, abrangendo fauna, flora, aspectos geográficos, econômicos, sociais e ambientais, de forma didática. As informações foram colhidas em órgãos estaduais e municipais responsáveis pelo meio ambiente, além do intermédio de ecologistas conceituados no estado.

Outro projeto que está para ser retomado é o **Documento Estado**. A primeira série de seis exemplares foi desenvolvida em 1992 e idealizada com o objetivo de ampliar as informações sobre o Espírito Santo, através de dados sobre aspectos históricos das regiões estaduais. A primeira etapa foi realizada por **A Gazeta** em parceria com a Ufes.

A assessora de Comunicação da **Rede Gazeta** afirma que com a capacidade de comunicação da mídia impressa, e a sustentação publicitária da TV e das rádios, é possível um bom desempenho para atingir os objetivos de estimular a leitura e disseminar informações para o processo de formação do indivíduo.



O exercício da leitura em sala de aula

Confirmada a incapacidade do sistema escolar de reavaliar sozinho a tarefa de preservar e difundir o hábito da leitura, a Unesco tomou para si a responsabilidade de desenvolver uma eficiente campanha utilizando o jornal como apoio. No Brasil, a política nacional de estímulo à leitura tem sido desenvolvida pela Associação Nacional de Jornais (ANJ), e alguns jornais da grande e média imprensa se mobilizaram com projetos próprios, alguns dos quais implantados com êxito. O jornal **A Gazeta** já executa o Projeto Educar e está em vias de implantação do "jornal na sala de aula".

O segundo projeto está sendo meticulosamente planejado. Em julho passado, o diretor-superintendente da **Folha da Manhã**,

empresa que edita a **Folha de São Paulo**, Pedro Pinciroli Júnior, deu o pontapé inicial no estado num debate em que apresentou o projeto que já foi implementado em vários jornais do Brasil, visando a criar o hábito da leitura em crianças e jovens. Segundo declaração de Pinciroli, o Brasil está empatado com a Índia com um dos índices mais baixos de leitura.

O jornal, neste caso, é entendido como produto gerador de informação e formador de opinião na sociedade, por meio de uma adaptação do currículo escolar aos temas abordados pelos diários. O **New York Times** foi o pioneiro neste tipo de programa, em 1932. No Brasil, o jornal **Zero Hora**, de Porto Alegre, deu o primeiro passo.

O número de escolas atingidas pela proposta no país é de 4.220, com um público de 1,33 milhão de alunos. Na SBPC, **A Gazeta** realizou quatro oficinas de desenvolvimento de sugestões de aproveitamento do jornal em salas de aula. O trabalho abrangeu 200 professores de 1º e 2º do estado.

"Tivemos o interesse dos professores, sem o qual não se faz nada. Houve receptividade, pois tivemos mais de 600 candidatos. O jornal mostra uma visão múltipla, contribuindo para a formação do indivíduo", avalia Maria Alice Lindenberg, que frisa que a parte pedagógica é elaborada por especialistas do setor e o jornal entra como suporte na educação. A iniciativa atingirá, primeiramente, a Grande Vitória.

A revolução no uso da informática

Micros para fins pedagógicos em sala de aula. Esta é a proposta do Centro Educacional Leonardo da Vinci, há um ano no universo da informática. Os softwares educacionais servem como complemento dos conteúdos das matérias curriculares, além de exercícios de estímulo ao raciocínio. Todas as lições de Química, Física e Biologia, por exemplo, podem ser feitas com o uso da informática. Os alunos da 1ª a 4ª séries usam os computadores para jogos lúdicos de raciocínio, como a torre de Hanói, que inclui exercícios de adição, subtração, multiplicação e divisão. O computador também é usado como editor de textos. Da 5ª série ao 2º grau, atividades lúdicas entram no dia-a-dia.

Algumas curiosidades são possíveis através dos micros. De forma inédita, alunos e professores também tiveram acesso à apuração do primeiro turno das últimas eleições. O diretor administrativo do Da Vinci, José Antônio Pignaton, explica que a rede do Leonardo teve ligação, via Embratel, com o Tribunal Superior Eleitoral. A cada 30 minutos a rede da escola recebia informações oficiais de fora, de todos os estados do Brasil, de Vitória, e do interior do Espírito Santo, incluindo o percentual de urnas apuradas.

CD Rom

Além dos computadores nas classes do integral, a escola também tem seu Laboratório de Informática Educacional. São 34 micros 386 - Super VGA - ligados em rede ao servidor 486 e outro CD-Rom que servem exclusivamente de apoio pedagógico. Em média são 10 programas de Ciências, 23 de criatividade, oito de esportes, três de Geografia, oito de Línguas Estrangeiras, 22 de Matemática, 27 de raciocínio, 184 lições de Química,



Sala de Informática do Leonardo da Vinci: primeiros passos para um futuro que já chegou

Física e Biologia, além de 20 CD Rom, informa Rogério Abaurre, responsável pelo laboratório.

Pignaton lembra que o software Redescobindo Ciências e Matemática usado no Da Vinci foi considerado o melhor do gênero pela Universidade da Califórnia. O programa foi desenvolvido pela empresa israelense Edunetics. Com recursos multimídia utiliza estratégias com simulações e jogos para levar o aluno a descobrir conceitos de Matemática.

Além disso, o programa possui um sistema de gerenciamento pedagógico que permite a realização de tarefas, como preparação de aulas e provas. O programa completo é formado por 800 lições, vendidas em kits de 18 lições, divididos por área.

A utilização dos computadores varia de série para série. As turmas do prezinho trabalham com coordenação motora, desenhando e pintando com o mouse. As primeiras séries têm jogos lúdicos e complementação de conteúdos curriculares. A Geografia ganha atrativos com comparações entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, através de dados de um programa sobre todos os países. A História é enriquecida com informações sobre a Revolução Francesa e a 2ª Guerra Mundial, por exemplo.

Mês que vem os alunos do cursinho (3º ano) vão fazer toda a revisão do ano nos computadores, onde poderão rever todos os conteúdos estudados, além de fazer testes simulados, com resultado imediato. São 184 lições à disposição do

pessoal do 3º ano.

Em 95 o centro educacional vai implantar a Biblioteca Multimídia em sala climatizada, com 10 micros 486 DX2 66 multimídias. Isso permitirá que todos os alunos do integral e do semi-integral pesquisem em CD Rom. A previsão é de um acervo de cerca de 100 CD Rom. Entre os títulos previstos estão a vida de Leonardo da Vinci e todas as suas invenções, a história dos Beatles, enciclopédias, atlas, programas de Ciências, Geografia, e de línguas estrangeiras.

Na sala dos professores há também um 486 multimídia à disposição dos profissionais do Leonardo da Vinci. É possível utilizar o CD Rom, por exemplo, para fazer transparências que são usadas em sala de aula, a partir de enciclopédias.

Capacitando professores para uma nova educação

A capacitação de professores para uma revolução na educação. Esta é uma das atividades do Núcleo Capixaba da Rede Brasil de Alfabetização Integral, projeto com o objetivo de disseminar pelo país novos conceitos de educação. Disposto a introduzir práticas inspiradas no sócio-interacionismo ou construtivismo, o núcleo tem promovido cursos, debates, estudos, troca de informações e experiências que poderão revolucionar as escolas.

Coordenado pela educadora Euzi Moraes, ele é formado por um grupo de pessoas estudiosas e interessadas em mudar os métodos convencionais de educação, principalmente alfabetização. As mudanças começam pelo questionamento de velhas fórmulas de aprendizagem - mecânica e repetitiva. Baseado nas propostas dos pensadores Piaget e Vigotsky, o núcleo defende a chamada alfabetização integral. Nela a criança, ou mesmo o adulto, aprende pensando e construindo o seu conhecimento a partir da realidade.

Exercício cultural

Segundo Euzi Moraes, este novo conceito preocupa-se principalmente com as crianças de baixa renda, as maiores vítimas da educação mecânica. "A educação tradicional não motiva esta criança a transformar sua realidade. Através da alfabetização integral, ela passa a ser agente de transformação".

Para chegar a isto, a educadora propõe a alfabetização como um exercício cultural e não didático. No didático o aluno escreve para a escola, para tirar uma nota, e para o professor. No cultural ele usa a linguagem em todas as aplicações sociais. O professor também passa por transformações. Ele deixa de ser dono da verdade e passa a mediador.

Neste contexto, a adoção da cartilha e do livro didático único torna-se superada e representante da educação mecânica e convencional. Com a revolução contextual defendida pelo núcleo, eles são substituídos por recortes de jornais, receitas culinárias, dicionários, poesias, contos, histórias e literatura infantis, narração, teatro, argumentação. "Cria-se um vínculo da escola com a sociedade", observa Euzi Moraes.

O imediatismo não é sua preocu-

pação. Para ela, a revolução na educação é um processo a longo prazo. Na sua avaliação, as transformações têm avançado no Espírito Santo. A cada dia surgem escolas com novas idéias e práticas. Já se respeita mais a criatividade das crianças, os textos criados por ela, os erros de cada fase da escrita. Também surgem grupos de estudos. Os professores têm mostrado interesse cada vez maior pela capacitação e pelos livros. O livro único vem sendo substituído por vários, o número de bibliotecas tem crescido.

Muitos destes avanços podem ser atribuídos ao núcleo, um fluxo permanente de leitura, estudos e discussões. Ele é ligado à Rede Latino-Americana de Alfabetização, projeto coordenado pela pesquisadora Emília Ferreiro, argentina radicada no México e membro de um grupo de pesquisa que foi coordenado por Piaget. A proposta da Rede é estender-se em todo o continente, mas por enquanto ela tem bases fincadas no México, na Venezuela, na Argentina, no Uruguai e no Brasil.

Aqui a rede foi instalada em 1991, e hoje abrange os estados de Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (Uberlândia). O núcleo capixaba tem abrangência na Grande Vitória e no interior - Linhares, Colatina e Nova Venécia - além do envolvimento de professores de Cachoeiro, Aracruz, São Gabriel da Palha e Cariacica. O grupo acompanha tudo o que ocorre no Brasil e no mundo, e uma vez por mês promove reuniões.

Segundo Euzi Moraes, o núcleo é resultado de inquietações surgidas em 1984, no curso de pós-graduação em Educação da Ufes. Na época começaram as discussões sobre a necessidade de novos métodos nas escolas. De lá para cá elas foram crescendo e ganhando adesões de setores avançados do magistério, de órgãos públicos como a Secretaria Estadual de Educação e prefeituras. Hoje, o trabalho envolve mais de 150 pessoas, representantes da Ufes, escolas, prefeituras, instituições e órgãos públicos. "Queremos que a criança seja vista como um sujeito vivo, que age com a mente e não só com o sentido", prega a educadora.

Leiturização: do mundo para os textos

Uma das teclas em que alguns educadores mais batem é a qualidade da leitura e da escrita, destruindo a antiquada idéia de que o mais importante é simplesmente alfabetizar. Não basta mais ensinar apenas a ler e escrever. É preciso melhorar o nível de leitura e escrita dos alunos, estimulando o raciocínio lógico e o senso crítico. Essa idéia pedagógica que vem mexendo com a cabeça de muitos profissionais da educação é traduzida por uma estranha palavra: leiturização.

Disseminado em todo o país, no Espírito Santo o método está sendo aplicado na prática em escolas públicas e particulares. As formas mais usadas: contadores de histórias e confecção de "livrinhos" das próprias crianças. Partindo da magia dos clássicos contos infantis, as crianças não só ouvem a história como fazem adaptações para a sua realidade, partem para dramatizações, além de produzirem textos com linguagem mais crítica, de acordo com a realidade em que vivem.

Descontração

A prática da leiturização tem um leque de opções muito variado. Algumas são tão leves e prazerosas que os alunos nem se dão conta de que por trás da descontração está em jogo uma nova alternativa metodológica. A assessora pedagógica do Centro Educacional Leonardo da Vinci, pedagoga e escritora paulistana, Leila Yannone, em entrevista ao jornal interno da escola, **Informe Da Vinci**, explicou que a leiturização tem inúmeras formas de aplicação.

No Da Vinci, por exemplo, trabalha-se com leitura e confecção de jornais em sala de aula, pesquisas sobre temas variados, "leituras" de livros sem texto, uso de computadores para produção de textos com ou sem imagens, ou trazendo de volta a tradição de se contar histórias para crianças.



Contadores de histórias fazem a alegria e enriquecem as fantasias da garotada

A partir daí é incentivar as crianças a fazerem textos sobre tudo que descobriam.

Prática

A leiturização pode ser trabalhada de forma interdisciplinar. Como o Da Vinci já vem atuando com a teoria sócio-construtivista, a proposta é que cada aluno construa o seu conhecimento. A interdisciplinaridade e a intensificação da leitura são fundamentais neste processo pedagógico. O raciocínio deve seguir a lógica e nunca ser fragmentado. Por isso é importante a associação de

fatos, informações e idéias. Para Leila Yannone, o aluno tem que partir da leitura do mundo para a leitura do texto.

São inúmeros os instrumentos que podem servir de apoio pedagógico. Revistas e jornais, por exemplo, em sala de aula, criam o hábito da leitura diária, da informação rápida que ainda não existe em livros, com a vantagem de poderem ser tratados de forma interdisciplinar. No Leonardo, através dos periódicos diários, as turmas das 4^{as} séries passaram a acompanhar a coluna de meteorologia e fazer artigos. As crianças exploraram

as gafes e os acertos que são publicados, além de comparar a coluna de dois jornais e estudar Geografia simultaneamente. A conclusão dos trabalhos é apresentada em redações, cartazes e gráficos.

Os classificados comerciais foram comparados com classificados poéticos, alternativa para conciliar com a matéria de Português, analisando-se as rimas e as diferenças de linguagens. A leitura de jornais enriquece também o vocabulário e eleva o nível de informação, apostam as professoras.

Os alunos das 7^{as} e 8^{as} séries,

além da leitura, confeccionam jornais, com cadernos de cultura, suplementos infantis, e especiais de veículos. A redação entra como prioridade. As notícias muitas vezes são fictícias e adaptadas ao universo escolar.

Para a diretora pedagógica do centro educacional, Maria Helena Pignaton, o mais importante é que a partir dos jornais os alunos passam a acelerar o processo de leitura e melhorar o nível da escrita, com nova opção de linguagem: a jornalística, sem rodeios, direta e objetiva.

Outro recurso bastante usado na escola é o de contar histórias.

Desde o início do ano foi criada uma sala para os contadores de histórias. Em vez da vovó sentada na cadeira de balanço, quem assume o comando é a própria professora. O cantinho chamado Irmãos Grimm é dos mais acolhedores, com almofadas espalhadas pelo chão para as crianças ficarem mais à vontade.

As crianças têm o direito de contestar a história que a professora contou, geralmente clássicos infantis. As atividades da sala vêm aumentando como bola de neve. Ao ouvir um conto as crianças passam a se interessar por outros e procuram a biblioteca em busca de novos títulos e novas versões. A procura por livros aumentou em quase 100%, garante a supervisora da biblioteca Carolina Rafaela Ventorim. "A biblioteca está deixando de ser um depósito de livros e começa a atrair os estudantes não só em busca de livros e para pesquisas, como local para se debater assuntos mais polêmicos".

A escola também vem incentivando a oficina de literatura, onde os alunos a partir da 5^a série produzem textos e histórias, algumas com caracterização de ambientes, explica a professora Luciana Hibner. Não há regra metodológica definida. Às vezes parte-se de um tema livre ou de uma situação específica sugerida pela professora. Exemplo: "O prédio pega fogo. Um gato pula a janela e foge para a rua. Os bombeiros chegam". Os textos que surgem a partir daí são resultados da imaginação de cada aluno.

O exercício seguinte é fazer com que a criança se transforme no personagem central, que será o narrador. Cada um escolhe quem prefere ser. A lição é fazer o narrador acompanhar todos os passos do personagem central, criando situações detalhadas, descrevendo emoções e todo o ambiente. Todas as redações da oficina são feitas nos computadores do Laboratório de Informática Educacional.

Filosofia educacional já é também exportada

Com filosofia essencialmente voltada para a transformação social, o Mepes (Movimento Educacional e Promocional do Espírito Santo) conseguiu dar uma guinada de 180 graus no ensino rural, desde que implantou uma nova escola adaptada à realidade do meio rural. Foi o Mepes que introduziu a primeira escola-família em 68, em Olivânia, no município de Anchieta, no auge da erradicação dos cafezais e do êxodo rural. De lá para cá, a base metodológica é uma só: a pedagogia da alternância, que vem conquistando parte do planeta. A filosofia do Mepes está sendo aplicada em mais de 100 escolas de ensino agrícola em 18 estados brasileiros, além de 1.300 em 26 países, como França, Itália e Argentina.

Basicamente, a alternância mantém o aluno na escola durante uma semana (1º grau) ou 15 dias (2º grau), e permite que o jovem fique o mesmo período em casa, convivendo com a família e a comunidade. A partir daí começa um intercâmbio de aprendizagem. O aluno transmite o que assimilou na escola para os pais, e quando retorna para a sala de aula, repassa os conhecimentos que adquiriu com a família e a comunidade.

Durante o período em que fica em casa, o jovem desenvolve o chamado plano de estudos, um tema central ligado à realidade rural, que obriga o estudante a pesquisar assuntos como ecologia, êxodo rural, alternativas agrícolas, uso adequado do solo, entre tantos outros.

O modelo da alternância permite também a melhor sociabilização dos alunos. No período em que estão na escola, eles se revezam em uma espécie de rodízio, nos trabalhos de limpeza e cozinha. Aprendem economia doméstica, têm noções de higiene e saúde, e uso de ervas medicinais. Eles também têm voz ativa nas decisões sobre a escola.

Além do currículo tradicional, o Mepes introduziu disciplinas de técnicas agrícolas. Os de 1º grau têm caráter de iniciação à agricultura. Os de 2º grau, com duração de quatro anos, formam técnicos em agropecuária. Cada escola-família está implantada em uma pequena propriedade, geralmente doada ou cedida pela comunidade, com 10 a 15 hectares de terra destinada à produção agrícola e ao complemento didático no 1º grau e formação técnica no 2º grau, reproduzindo o modelo das propriedades dos pais de alunos.

Além de serem usadas como campo de aprendizagem e demonstração de práticas agrícolas, as terras onde estão instaladas as escolas-famílias são destinadas também às plantações de culturas de subsistência e outras destinadas à comercialização, como café. Desenvolve-se ainda criação de porcos, galinhas e a pecuária. O modelo da prática agrícola é o da alternativa, sem uso de agrotóxicos. Os alunos aprendem a diversificar a agricultura, com técnicas de manejo do solo, consórcio agrícola e outros métodos não convencionais.

A eficiência do Mepes vem apresentando resultados bastante satisfatórios. Nas áreas onde a entidade atua, 56% dos alunos prosseguem no campo; 28% dos técnicos agrícolas vão para empresas agrícolas ou instituições de ensino, e apenas 9% têm atuação de trabalho desconhecida ou fora do campo. A área de atuação do Mepes é o Espírito Santo, onde a entidade tem 14 escolas, um hospital em Anchieta, quatro creches, além de outras atividades sociais. As escolas atendem a cerca de 1.500 alunos, todos filhos de pequenos proprietários rurais, meeiros e colonos.



Um jesuíta lançou a idéia

Tudo começou com a idéia de um padre italiano jesuíta - Humberto Pietrograndi, que visitou Anchieta nos anos 60. Inconformado com o subdesenvolvimento, apostava em uma ação integrada nas áreas de educação e saúde. Naquela fase de transição no campo, da erradicação dos cafezais, do êxodo rural, padre Humberto percorreu o interior do Espírito Santo e se surpreendeu com a juventude que encontrou. Havia grande potencial na nova geração. Só não havia meios de aqueles jovens o desenvolverem.

Conhecendo a realidade da vida no interior do estado, o jesuíta descobriu que a escola que existia estava totalmente fora das necessidades do meio rural. Era preciso melhorar o ensino, as condições de vida e de saúde, e acima de tudo introduzir uma nova filosofia que permitisse mudanças sociais profundas na escola e no ambiente

rural. Era preciso que a escola levasse a formação integral para a vida e não somente repassasse conhecimentos teóricos curriculares.

Modelo italiano

A escola que Humberto procurava já existia em Pádua, na Itália. Era a escola agrícola de Castelfranco, que trabalhava com o modelo da alternância, baseado nas **maisons familiaires**, da França. Humberto foi para lá e conseguiu as primeiras bolsas de estudo para cinco jovens capixabas, que acabaram passando dois anos na Itália.

Em terras capixabas fazia-se um levantamento sócio-econômico, com o que se constatou, de fato, a precariedade na educação e saúde. Com o estudo concluído, formou-se um comitê para discutir o que se poderia fazer para mudar a situação. O caminho escolhido foi a educação, com enfoque na transformação social.

O comitê passou a promover cursos nas comunidades e para as lideranças. Com um trabalho de base já desenvolvido, em 24 de

abril de 68 foi fundado o Mepes em Iconha. No final daquele ano voltava da Itália o grupo de estudantes que trouxe um italiano interessado em conhecer a realidade capixaba. Um ano depois começou a funcionar a primeira escola-família do Brasil, em Olivânia, Anchieta, e logo em seguida outras duas, em Rio Novo do Sul e Alfredo Chaves.

A partir daí outros jovens capixabas foram estudar na Itália e alguns italianos passaram a vir ao Brasil acompanhar o trabalho do Mepes. Do Espírito Santo, a idéia Mepes se espalhou pelo país e pela América Latina. Atualmente, além das 100 existentes no Brasil, cerca de 40 estão espalhadas por Argentina, Uruguai, Nicarágua, Honduras e Panamá. Na Europa há escolas-família na França, Itália, Espanha, e em Portugal. Na África, no Senegal e em Serra Leoa. O modelo da escola-família adotado pelo Mepes e adaptado para a realidade rural capixaba teve início na França, em 1935.



Curso forma professores

Todo professor do Mepes passa obrigatoriamente por um curso no único centro de formação que a entidade mantém no país. Localizado em Piúma, o centro recebe pessoas de vários estados e de outros países. É naquele espaço de 11 mil metros quadrados que a idéia Mepes prolifera e os futuros professores aprendem na prática a pedagogia da alternância. São 1.500 metros quadrados de área construída, que abrigam salas de aula e de administração, biblioteca, refeitório, salão de eventos, secretaria, cozinha e 16 dormitórios que permitem a acomodação de até 70 pessoas.

As matérias são divididas em quatro grupos: formação geral humanística (Filosofia, Antropologia, Psicologia, Sociologia e Teologia); formação geral pedagógica (História e Pedagogia da escola-família, Organização da Educação brasileira, didática geral e da escola-família, Comunicação Social, Economia, Agroecologia e Metodologia de Pesquisa); formação específica didática (Português, Matemática, Ciências, estudos especiais, que são visitas e viagens de estudos).

Temas geradores

Há também 10 matérias optativas, de onde se escolhem duas. No leque de opções encontram-se dinâmica das relações e liderança, literatura infanto-juvenil, indústrias caseiras, história da pedagogia e da arte-educação, e associativismo.

Cada matéria é abordada através de temas geradores, seguindo o modelo pedagógico do Mepes.



SET 94

O homem, a família, a comunidade e o conhecimento são temas geradores do grupo de ciências humanas. Como o Mepes faz intercâmbio entre países, há trocas de profissionais. Dois capixabas, por exemplo, estão atualmente na Argentina. No ano passado três moçambicanos vieram fazer o curso do centro de formação, e esse ano dois estão no estado. Nessa troca, um brasileiro foi conhecer a realidade daquele país africano.

A carga horária atinge 1.575 horas, subdivididas em 990 no centro e 585 horas de estágios em escolas-famílias. São cinco períodos no centro e quatro nas escolas e em comunidades que ofereçam uma realidade diferente da origem do professor. Portanto, quem

é do nordeste pode fazer estágio no sul do país. O centro também atua com cursos para monitores do Mepes, além de ser o ponto de intercâmbio e vivência entre as escolas-famílias tanto do Espírito Santo quanto de outros estados ou países. Mais de 500 monitores já foram formados.

De 91 a junho deste ano, o centro formou 384 novos professores, dos quais 11 estrangeiros, da Itália, França, de Moçambique e da Argentina. O restante está dividido entre 236 educadores do Espírito Santo, 38 da Bahia, oito do Paraná, um de São Paulo, dois do Rio, seis de Minas, quatro de Sergipe, além de outros do Amapá, Piauí, Amazonas, de Rondônia, do Maranhão, Tocantins e Rio Grande do Norte.

Calendário do Cier e o ciclo das colheitas

Apesar de pouco divulgado, o Espírito Santo conta com três Centros Integrados de Educação Rural (Ciers) estrategicamente localizados no norte do estado: Boa Esperança, Vila Pavão e Águia Branca - cidades embobrecidas pela monocultura cafeeira - formadas por pequenas propriedades rurais. Para espantar o fantasma da evasão escolar e conter o êxodo rural, o currículo está totalmente voltado para a realidade dos alunos, todos filhos de agricultores. O mais interessante é que o calendário segue as fases do plantio e da colheita, principalmente do café, permitindo que as crianças entrem em férias em uma época em que as famílias mais precisam da mão-de-obra dos filhos na lavoura.

Quando os alunos saem da escola para essas atividades, levam para casa um questionário que o orienta no estudo do que vai praticar no campo. No retorno às aulas, todos os estudantes são obrigados a levar o trabalho concluído, com pesquisa e observação na própria lavoura, e muitas vezes questionamentos com a comunidade.

Além das matérias tradicionais da grade curricular e do aprendizado das técnicas agrícolas, o Cier incorpora as experiências e os conhecimentos da própria população, oferecendo também cursos de confecção de balaios, peneiras, esteiras e macramê. De forma interdisciplinar estudam desde medicina, passando por alimentação alternativa, artesanato e folclore, para complementar a formação cultural do aluno.

Metodologia

Criado em 82 pela Secretaria Estadual de Educação e Cultura (Sedu), os resultados dos Ciers se devem em parte à trilha aberta nos anos 70 pelas escolas-famílias do Mepes (Movimento de Educacional Promocional do Espírito Santo). Extrapolando a

de cultivo de hortaliças, incluindo produção por hectare.

Na 5ª série, os alunos se aprofundam em horticultura. Na 6ª já partem para zootecnia. Na 7ª, agropecuária, e na 8ª culturas perenes. Todos passam também obrigatoriamente por noções de economia doméstica, alimentação e agricultura alternativa. Em cada bimestre estuda-se um tema gerador, que pode ser êxodo rural, meio ambiente, solo, e assim por diante.

Dois fatores vêm sendo essenciais ao funcionamento dos Ciers capixabas: o transporte e o calendário. Os ônibus começam a circular às 5 da manhã passando em cada propriedade do aluno matriculado. Os veículos estacionam na escola por volta das 7 horas. Sem o transporte gratuito seria impossível aos filhos dos agricultores que moram mais distantes das cidades estudar diariamente.

Apoio mundial

O primeiro Cier foi implantado em Boa Esperança, a quatro quilômetros da cidade, em São Roque do Estêvão. Considerado o mais privilegiado dos três, sua infra-estrutura natural garante boa parte do seu desempenho: três alqueires, dois córregos, duas lagoas, área de mata e muitas árvores frutíferas.

É lá que está a primeira e única horta sombreada do Espírito Santo. Mesmo no verão os alunos conseguem colher hortaliças. A técnica usada é simples. A sombra é formada pelas gliricídias, árvores que no verão formam microclima e no inverno perdem as folhas, enquanto seus galhos são podados.

Outro sistema de cultivo é feito através de aléias - faixas de árvores usadas para adubação de sementeiras de feijão. Quando as gliricídias são podadas, suas folhas adubam a plantação. As árvores tiram o nitrogênio do ar e fixam-no no solo, através de bactérias.



Elo fundamental

Com área de pouco mais de 22 mil quilômetros quadrados, o norte do Espírito Santo, onde foram criados os Ciers - Centros Integrados de Ensino Rural - representa quase metade do território capixaba. Vinte e dois municípios estão localizados naquela região, colonizados basicamente por duas frentes migratórias: os europeus - italianos, pomeranos e poloneses - e brasileiros, principal-

mente mineiros e baianos. Na cabeça, todos eles tinham um único objetivo: encontrar boas terras a agricultura.

A atividade econômica gira em torno da pequena propriedade rural, onde se pratica em larga escala a cafeicultura, criação de gado leiteiro, além da cultura de subsistência - milho, arroz e mandioca. Tudo caminhava até que a desinformação levou os agricultores à destruição ambiental. Pouco a pouco, os desmatamentos, as queimadas e o uso

inadequado de técnicas agrícolas contribuíram para o embobrecimento do solo. Isso também ajudou a provocar as constantes secas prolongadas que acabaram por inviabilizar a produção de alimentos e a cafeicultura, a maior base econômica.

A região foi empobrecendo cada vez mais. O solo, desgastado, não correspondia como poderia. A erradicação dos cafezais também surgiu na década de 60. A alternativa encontrada por muitos la-

vradores foi o abandono de suas roças e suas terras. O êxodo rural passou a fazer parte da realidade. A migração em larga escala ocorreu principalmente para Rondônia e Pará. Era preciso fazer algo para se reverter o quadro. A exemplo do Mepes, surgiram os Ciers, que introduziram nova filosofia de ensino e de formação ao filho do agricultor, transformando-se em elo fundamental das comunidades rurais.

pírito Santo). Extrapolando a metodologia tradicional, o Cier também mantém um elo entre a escola e os lavradores, estimulando nas comunidades rurais a diversificação agrícola, a preservação do meio ambiente e a fixação do homem no campo.

A metodologia aplicada é bastante ousada, sem se limitar às técnicas agrícolas convencionais. O Cier introduziu estudos sobre agricultura, como cultura biodinâmica, horticultura, fruticultura, viveiros, zootecnia, e agronomia. As aulas são teóricas e práticas. No campo, há pesquisas de métodos que interessam ao pequeno produtor, como o preparo adequado do solo, e alternativas para se evitar o uso de agrotóxicos e adubos químicos, além de consórcios agrícolas.

Tudo é feito interdisciplinarmente em tempo integral. Em Português, por exemplo, as experiências de campo e de laboratórios são utilizadas para redação. O que se pratica na roça é aprofundado nas aulas de Ciências. Na Matemática podem ser estudados cálculos sobre a área

bactérias.

Destinados a atender alunos de 5ª a 8ª séries, os Ciers são mantidos pelo governo estadual através das secretarias de Educação, de Agricultura, e de convênios com órgãos municipais, além de contar com recursos de entidades européias que apoiam trabalhos ligados à preservação ecológica e à agricultura. Pais de alunos também contribuem com as escolas, fornecendo alimentos para complemento da merenda. Cada centro ocupa área de dois a três alqueires e atende cerca de 140 alunos.

Além da formação em si dos alunos, os Ciers também fornecem mudas de seus viveiros para que os pequenos agricultores possam reflorestar as nascentes de rios e outras áreas necessitadas. Os centros realizam ainda encontros, palestras e seminários para as comunidades e os alunos. Os Ciers recebem com constância excursões de estudantes de outras regiões, produtores rurais, professores e outras pessoas interessadas em conhecer de perto o trabalho.

Em Piúma ensina-se a arte de pescar

Tecnologia do pescado, construção e mecânica naval, navegação, captura, legislação pesqueira, natação, e criação de ostras e mexilhões, fazem parte do conteúdo curricular da única Escola Experimental de Pesca do Estado (Escopesca). Criada em 87, em Piúma, para atender preferencialmente os filhos de pescadores, a escola funciona em horário integral. São cerca de 70 alunos que frequentam da 5ª a 8ª séries. A educação ambiental também está na pauta da escola que faz parte do Pólo Regional da Mata Atlântica do Espírito Santo.

Currículo

Além do currículo tradicional de qualquer escola, em tecnologia do pescado, os alunos estudam desde a fabricação do gelo até o beneficiamento e a conservação do que é capturado. Em mecânica naval, passam não só pela teoria do motor, como também fazem a manutenção dos motores dos barcos da escola. Para aprender a arte da pesca, aprendem a confeccionar redes, o uso correto dos anzóis e técnicas de captura.

Nas aulas de construção naval os estudantes fazem reformas e manutenção dos barcos. Em navegação há aulas práticas no mar, com utilização de bússola e estudo dos ventos. Nos horários de captura, aprendem os hábitos alimentares dos peixes, além de material adequado que deve ser usado para cada tipo de pescado. Também fazem parte do currículo as disciplinas de legislação pesqueira e natação. A metodologia aplicada é interdisciplinar.

Enquanto o governo estadual banca os salários dos professores, a escola praticamente se auto-sustenta com a produção de pescado. A escola conta com quatro barcos de cerca de 11 metros. Cada embarcação vai para o mar duas vezes por mês para a pesca comercial. A média de captura é de 800 quilos por viagem.

A Escopesca também mantém em funcionamento sua pequena fábrica de gelo, que produz cerca de 1,2 tonelada por dia. Desde 90, a escola desenvolve experiências com criação de ostras. Através de um trabalho com a Universidade de Juiz de Fora foram feitos estudos sobre animais predadores e parasitas de ostras para se ter meios de combatê-los e poder desenvolver a criação das ostras. A atividade deverá retomar no próximo ano.

A escola está apostando também na criação do sururu (mexilhões). Desta vez, o trabalho envolve a comunidade e principalmente as catadeiras da espécie. A criação está sendo desenvolvida próxima à Ilha dos Cabritos.



COLÉGIO MAGISTER
"UM ENSINO MAIOR"
3 ANOS DE APROVAÇÃO MACIÇA NA UFES
1º e 2º GRAUS - PRÉ-VESTIBULAR

Média de aprovação vai quase aos 100%

Uma escola típica de primeiro mundo. Jardins floridos e bem cuidados, estrutura física arrojada e confortável. Salas amplas e arejadas. Bibliotecas, oficinas, laboratórios, cozinha, consultório odontológico equipados. Tem até horta, área sombreada por árvores, quadras de esportes. Este cenário, que mais parece filme estrangeiro, ocupa 30 mil metros quadrados nas margens da rodovia Darly Santos, em Vila Velha.

É a escola de primeiro e segundo graus Dr. Ronaldo Young Carneiro da Rocha, ou Fundação Bradesco, como é mais conhecida. Integrante de uma rede nacional de 38 escolas da Fundação Bradesco, o colégio de Vila Velha é também um terreno fértil em idéias, propostas e qualidade de ensino. O mesmo cuidado com o jardim é observado nas salas de aula e nos conteúdos.

Um batalhão de 56 funcionários (33 professores) tem permanente compromisso com o bom aproveitamento dos alunos, a maioria de famílias de baixa renda residentes na vizinhança. O índice de aprovação em todas as séries - do pré-escolar (6 anos) ao 2º grau - é de 94%. Faz parte da meta do colégio. Cada professor deve apresentar um bom número de aprovação nas turmas. Se ele baixar, a estratégia em aula é revista.

Singularidades

Criada em 1956 e movimentando um bolo de US\$ 39 milhões em 94, a Fundação Bradesco atende 92 mil alunos em todo o país. Seu objetivo é servir de elo entre as comunidades carentes e as oportunidades de ensino. Ela oferece gratuitamente material didático, uniforme, alimentação, assistência médico-odontológica, além de ensino e cursos temporários.

No Espírito Santo, a Fundação implantou sua escola em 1990 e tem 1.063 alunos entre o pré e o segundo grau, num revezamento de três turnos.

Para ingressar no colégio o estudante passa por seleção. Uma das exigências é morar próximo à escola e ser de família de baixa renda.

De tendência construtivista, a escola adota como princípio o estímulo ao desenvolvimento do pensamento crítico da criança. O primeiro grau tem uma atenção especial para a criatividade do aluno, com técnicas de alfabetização voltadas para a participação individual e em grupo. O 2º grau enfatiza a profissionalização.

As aulas, nos dois graus de ensino, não se limitam às matérias tradicionais de currículo. Elas incluem temas variados e próximos à realidade dos alunos. Também há intensa atividade prática. A pesquisa e a investigação são uma constante. Nesta linha, as disciplinas relacionam-se entre si. Um exemplo está nas práticas industriais, incluídas no currículo. Ao fabricar um catavento, o estudante aprende formas geométricas, origens do vento, porque ele faz rodar o catavento e outras informações ligadas ao objeto.

"Nossa tendência é seguir a interdisciplinaridade", afirma a diretora de ensino da escola, Sandra Regina Silva, preocupada em não criar rótulos. A interdisciplinaridade e o construtivismo, segundo ela, são muito amplos para classificar as práticas do colégio. "Estamos seguindo estes caminhos, mas temos muitos passos a dar para chegar ao construtivismo".

Na busca por métodos mais modernos da pedagogia, há uma preocupação com a formação do professor. Para lecionar no colégio, eles precisam mostrar envolvimento com inovações e pesquisas, bases do construtivismo e interdisciplinaridade. Quem já faz parte do quadro de professores participa de cursos de capacitação. A escola tem em sua rotina mensal um dia só para estudos de grupo, sempre abordando temas ligados à educação.



Sempre simulando a realidade

O curso de contabilidade (2º grau) é um exemplo de como funciona a escola da Fundação Bradesco. Buscando a profissionalização dos alunos, o escritório modelo funciona como uma empresa de verdade e muda de ramo a cada ano. Em 94, a opção foi pelos doces e salgados. Os estudantes compram, produzem, vendem e apresentam lucros, tudo como deve ser numa empresa eficiente. Eles não podem levá-la à falência e simulam todas as atividades contábeis, da compra aos balanços de despesa e receita.

Assim é o colégio como um todo. Em cada nível de ensino busca-se a realidade. As aulas não ficam restritas às paredes das salas. Nas eleições houve simulações com alunos votando, apurando, apontando vencedores e analisando resultados. Os estudantes têm muita atividade fora. No Convento, eles costumam estudar relevo, ve-

getação e História.

Recentemente, a 8ª série fez uma pesquisa em outras escolas sobre curso profissionalizante, já prevendo a opção que terão de fazer quando encerrar o ano letivo. A eficiência dentro de casa também é estimulada em disciplinas como educação para o lar e práticas industriais para 7ª e 8ª séries. Em oficinas equipadas, estas turmas aprendem a pintar, cozinhar, costurar, resolver pequenos problemas elétricos, consertar móveis e exercitar outras atividades do dia-a-dia doméstico.

Da horta à informática

A horta dos alunos de 5ª e 6ª séries é um dos destaques da Fundação. Acompanhados por um técnico agrícola, eles aprendem a plantar e cultivar couve, alface, tempero verde, cebola, xuxu, rabanetes e outras verduras que vão enriquecer o cardápio da merenda escolar.

A aprendizagem da horta escolar estende-se até os quintais da região. É o projeto Horta Caseira. Começou em 92 e aproveita a experiência dos alunos com o plantio realizado no colégio. Divididos em grupos, eles escolhem o melhor quintal, plantam e dividem a produção. Até hoje alguns alunos que saíram da 5ª e 6ª séries continuam mantendo suas hortas com a família.

A 6ª série ainda desenvolve atividades com plantas medicinais. Primeiro é realizada pesquisa entre moradores vizinhos sobre uso de chás. Depois, vêm o plantio, colheita e secagem, tudo no colégio. Existe o cuidado de não distribuir as plantas secas para evitar uso abusivo e problemas colaterais. O importante no projeto é informar o potencial das plantas, as técnicas de plantio, colheita e secagem.

Outro projeto tem despertado os

alunos para a leitura. Além de visita a feiras de livros, os professores promovem dramatização, contam histórias e determinam pesquisas sobre história da vida de poetas e escritores. Como respaldo a biblioteca oferece quase 10 mil livros. A escola não usa apenas um livro didático, mas uma variedade. "Não adotamos um livro apenas para referência, procuramos usar vários ao mesmo tempo. Eles ficam na biblioteca, e quando necessário os alunos formam grupos de pesquisa", explica a diretora Sandra Regina Silva.

Em 95 a informática deverá chegar ao colégio. Primeiro, serão beneficiados os alunos da 7ª e 8ª séries. De imediato eles terão noções sobre informática e informações tecnológicas. Futuramente todas as turmas - desde o pré-escolar - terão aulas com computadores, respeitando-se as diferenças de níveis entre cada turma.

Média de aprovação vai quase aos 100%

Uma escola típica de primeiro mundo. Jardins floridos e bem cuidados, estrutura física arrojada e confortável. Salas amplas e arejadas. Bibliotecas, oficinas, laboratórios, cozinha, consultório odontológico equipados. Tem até horta, área sombreada por árvores, quadras de esportes. Este cenário, que mais parece filme estrangeiro, ocupa 30 mil metros quadrados nas margens da rodovia Darly Santos, em Vila Velha.

É a escola de primeiro e segundo graus Dr. Ronaldo Young Carneiro da Rocha, ou Fundação Bradesco, como é mais conhecida. Integrante de uma rede nacional de 38 escolas da Fundação Bradesco, o colégio de Vila Velha é também um terreno fértil em idéias, propostas e qualidade de ensino. O mesmo cuidado com o jardim é observado nas salas de aula e nos conteúdos.

Um batalhão de 56 funcionários (33 professores) tem permanente compromisso com o bom aproveitamento dos alunos, a maioria de famílias de baixa renda residentes na vizinhança. O índice de aprovação em todas as séries - do pré-escolar (6 anos) ao 2º grau - é de 94%. Faz parte da meta do colégio. Cada professor deve apresentar um bom número de aprovação nas turmas. Se ele baixar, a estratégia em aula é revista.

Singularidades

Criada em 1956 e movimentando um bolo de US\$ 39 milhões em 94, a Fundação Bradesco atende 92 mil alunos em todo o país. Seu objetivo é servir de elo entre as comunidades carentes e as oportunidades de ensino. Ela oferece gratuitamente material didático, uniforme, alimentação, assistência médico-odontológica, além de ensino e cursos temporários.

No Espírito Santo, a Fundação implantou sua escola em 1990 e tem 1.063 alunos entre o pré e o segundo grau, num revezamento de três turnos.

Para ingressar no colégio o estudante passa por seleção. Uma das exigências é morar próximo à escola e ser de família de baixa renda.

De tendência construtivista, a escola adota como princípio o estímulo ao desenvolvimento do pensamento crítico da criança. O primeiro grau tem uma atenção especial para a criatividade do aluno, com técnicas de alfabetização voltadas para a participação individual e em grupo. O 2º grau enfatiza a profissionalização.

As aulas, nos dois graus de ensino, não se limitam às matérias tradicionais de currículo. Elas incluem temas variados e próximos à realidade dos alunos. Também há intensa atividade prática. A pesquisa e a investigação são uma constante. Nesta linha, as disciplinas relacionam-se entre si. Um exemplo está nas práticas industriais, incluídas no currículo. Ao fabricar um catavento, o estudante aprende formas geométricas, origens do vento, porque ele faz rodar o catavento e outras informações ligadas ao objeto.

"Nossa tendência é seguir a interdisciplinaridade", afirma a diretora de ensino da escola, Sandra Regina Silva, preocupada em não criar rótulos. A interdisciplinaridade e o construtivismo, segundo ela, são muito amplos para classificar as práticas do colégio. "Estamos seguindo estes caminhos, mas temos muitos passos a dar para chegar ao construtivismo".

Na busca por métodos mais modernos da pedagogia, há uma preocupação com a formação do professor. Para lecionar no colégio, eles precisam mostrar envolvimento com inovações e pesquisas, bases do construtivismo e interdisciplinaridade. Quem já faz parte do quadro de professores participa de cursos de capacitação. A escola tem em sua rotina mensal um dia só para estudos de grupo, sempre abordando temas ligados à educação.



Sempre simulando a realidade

O curso de contabilidade (2º grau) é um exemplo de como funciona a escola da Fundação Bradesco. Buscando a profissionalização dos alunos, o escritório modelo funciona como uma empresa de verdade e muda de ramo a cada ano. Em 94, a opção foi pelos doces e salgados. Os estudantes compram, produzem, vendem e apresentam lucros, tudo como deve ser numa empresa eficiente. Eles não podem levá-la à falência e simulam todas as atividades contábeis, da compra aos balanços de despesa e receita.

Assim é o colégio como um todo. Em cada nível de ensino busca-se a realidade. As aulas não ficam restritas às paredes das salas. Nas eleições houve simulações com alunos votando, apurando, apontando vencedores e analisando resultados. Os estudantes têm muita atividade fora. No Convento, eles costumam estudar relevo, ve-

getação e História.

Recentemente, a 8ª série fez uma pesquisa em outras escolas sobre curso profissionalizante, já prevendo a opção que terão de fazer quando encerrar o ano letivo. A eficiência dentro de casa também é estimulada em disciplinas como educação para o lar e práticas industriais para 7ª e 8ª séries. Em oficinas equipadas, estas turmas aprendem a pintar, cozinhar, costurar, resolver pequenos problemas elétricos, consertar móveis e exercitar outras atividades do dia-a-dia doméstico.

Da horta à informática

A horta dos alunos de 5ª e 6ª séries é um dos destaques da Fundação. Acompanhados por um técnico agrícola, eles aprendem a plantar e cultivar couve, alface, tempero verde, cebola, xuxu, rabanetes e outras verduras que vão enriquecer o cardápio da merenda escolar.

A aprendizagem da horta escolar estende-se até os quintais da região. É o projeto Horta Caseira. Começou em 92 e aproveita a experiência dos alunos com o plantio realizado no colégio. Divididos em grupos, eles escolhem o melhor quintal, plantam e dividem a produção. Até hoje alguns alunos que saíram da 5ª e 6ª séries continuam mantendo suas hortas com a família.

A 6ª série ainda desenvolve atividades com plantas medicinais. Primeiro é realizada pesquisa entre moradores vizinhos sobre uso de chás. Depois, vêm o plantio, colheita e secagem, tudo no colégio. Existe o cuidado de não distribuir as plantas secas para evitar uso abusivo e problemas colaterais. O importante no projeto é informar o potencial das plantas, as técnicas de plantio, colheita e secagem.

Outro projeto tem despertado os

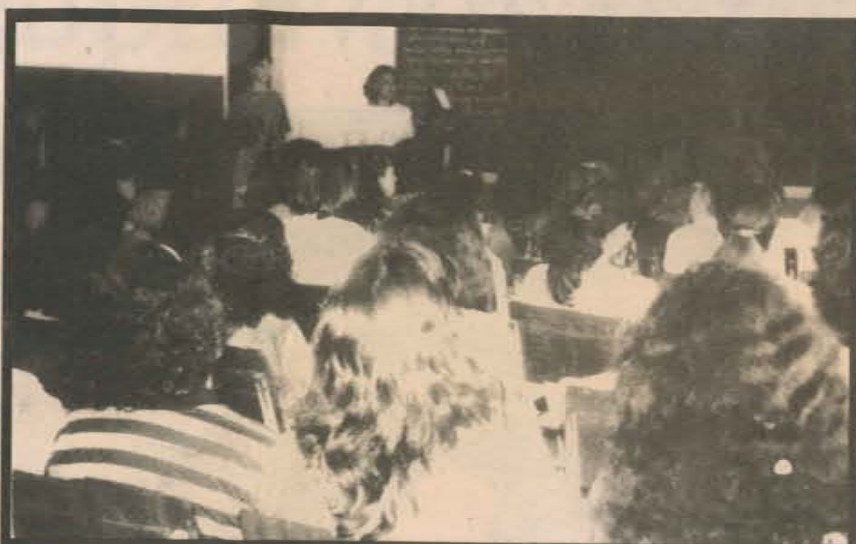
alunos para a leitura. Além de visita a feiras de livros, os professores promovem dramatização, contam histórias e determinam pesquisas sobre história da vida de poetas e escritores. Como respaldo a biblioteca oferece quase 10 mil livros. A escola não usa apenas um livro didático, mas uma variedade. "Não adotamos um livro apenas para referência, procuramos usar vários ao mesmo tempo. Eles ficam na biblioteca, e quando necessário os alunos formam grupos de pesquisa", explica a diretora Sandra Regina Silva.

Em 95 a informática deverá chegar ao colégio. Primeiro, serão beneficiados os alunos da 7ª e 8ª séries. De imediato eles terão noções sobre informática e informações tecnológicas. Futuramente todas as turmas - desde o pré-escolar - terão aulas com computadores, respeitando-se as diferenças de níveis entre cada turma.

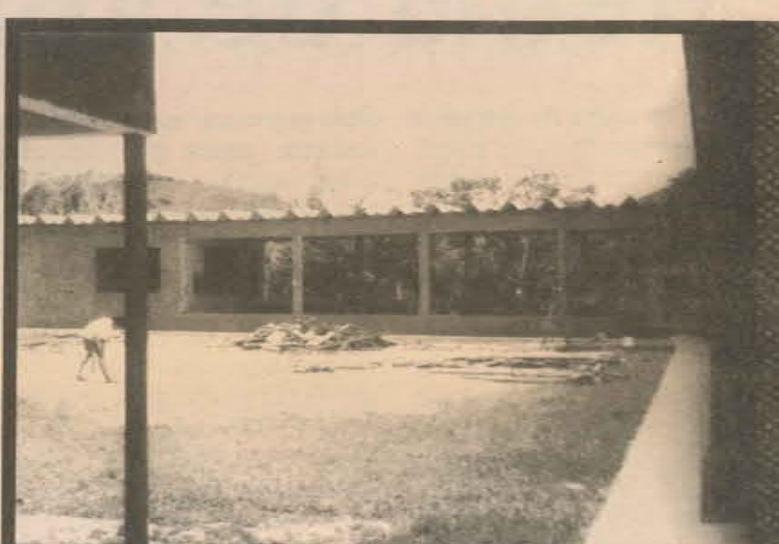
AJ02352-13



Reforma e ampliação do Centro Unificado de Ensino Edson Altoé



Curso de reciclagem e atualização dos professores



Reforma e ampliação da Escola de 1º Grau de Santa Luzia

EDUCAÇÃO:

ANTES, UM DESAFIO. HOJE, UMA REALIDADE.

A Prefeitura Municipal de Conceição do Castelo, na administração 1992/96, tinha como desafio prioritário a Educação em todos os níveis. Antes mesmo de terminar o atual mandato, podemos afirmar que esta meta já se transformou em realidade.

Hoje, só não estuda em Conceição do Castelo quem não quer. Há escolas em todos os distritos, professores fazem reciclagem, a merenda escolar é distribuída, o transporte escolar funciona. Quer dizer, a Educação faz parte da realidade da população de Conceição do Castelo e os frutos, no futuro, serão colhidos.



Reforma e ampliação da Escola de 1º Grau da Mata Fria Vargas



Reforma e ampliação da Escola de 1º Grau Elisa Paiva

Merenda escolar

Num programa de alimentação escolar a Prefeitura de Conceição do Castelo fornece aos alunos das escolas do município, antes do início das aulas, leite achocolatado e pão com manteiga e no horário do recreio, a merenda escolar é complementada com uma refeição com cardápio variado.

Com isso, aumentou-se o aproveitamento dos alunos e diminuíram-se a evasão escolar e a repetência. O cardápio e a qualidade da alimentação preparada nas escolas são fiscalizados por uma comissão formada por técnicos da área de nutrição, conseguindo com isso uma alimentação saborosa, rica em proteínas, vitaminas e

Cursos

Buscando atualizar e reciclar todo o corpo docente da rede municipal de ensino, a Prefeitura de Conceição do Castelo fez uma avaliação dos professores, realizou um curso de atualização para os da zona rural, além dos cursos Pedagogia do Movimento e Educação Escolar e Pré-Escolar; Alfabetização como Processo Teórico e Prático no Bloco Único e realizou o 1º Seminário de Educação Ambiental.

Obras

Paralelamente à atualização dos professores, Conceição do Castelo não se descuidou das obras nas escolas. Foram reformadas as escolas Unidocentes Francisco Moreira, a Córrego São José, a de Ribeirão de Santa Teresa, a de Montevideó e a de Taquarussu, reformada com recursos próprios. Além dessas, foram reformadas as Escolas de 1º Grau de Mata Fria, Santa Luzia e de Alto Monforte, o Centro Unificado de Ensino Edson Altoé e a Creche-Casulo Vovó Clara.

Além das reformas, inúmeras foram as escolas que receberam obras de

ampliação. Na Escola de 1º e 2º Graus Aldy Soares Merçon Vargas foram construídas mais seis salas de aula; na Escola de 1º Grau Eliza Paiva foram construídas mais sete salas de aula; na Escola de 1º Grau de Mata Fria foram construídos sala de aula, refeitório, secretaria, biblioteca, depósito, almoxarifado, banheiros e sala da direção.

As obras não páram por aí: na Escola de 1º Grau Alto Monforte foram construídos mais três salas de aula, secretaria, banheiros, sala de professores, cozinha, depósito e refeitório; na Escola de 1º Grau Santa Luzia foram construídos o depósito, o refeitório e a cozinha; e no Centro Unificado de Ensino Edson Altoé foram construídas mais duas salas de aula.

Com as obras de reformas e ampliações dessas escolas, a Prefeitura de Conceição do Castelo passa a atender mais 920 crianças da pré-escola ao 2º Grau completo, assim maiores oportunidades para aquelas crianças em idade escolar frequentarem uma escola e receber uma educação condizente com os desafios que o mundo moderno nos coloca. Está sendo finalizada a construção

do Jardim de Infância Brás Lacerda Amigo, com capacidade para atender a 210 crianças com idade entre quatro e seis anos. Esta unidade está sendo dotada com o que há de melhor: seis salas de aula, dormitórios, cozinha, depósito, auditório, banheiros, sala dos professores e pátio coberto.

Transporte escolar

Objetivando atender àqueles que querem estudar mas não têm uma escola próxima, a Prefeitura de Conceição do Castelo assumiu totalmente o transporte escolar, com linhas diárias que ligam todos os distritos do município à Sede, isso sem falar na linha regular sob responsabilidade da Prefeitura que liga o município a Cachoeiro de Itapemirim (diariamente, atendendo àqueles que fazem curso superior naquela cidade) e também a Rive, levando os alunos para aquela escola técnica na segunda-feira e trazendo-os de volta na sexta-feira.

Este transporte é executado por cinco ônibus, uma Kombi e mais 12 veículos fretados e são beneficiados mais de 900 estudantes. Como se pode ver, em Conceição do Castelo só não estuda quem não quer, pois as opções são várias e atendem a todos os níveis e interesses.

saborosa, rica em proteínas, vitaminas e sais minerais e extremamente saudável.

Mas essa atenção à saúde do estudante não se dá apenas na área de alimentação. Se dá também na questão da higiene bucal. Para isso são realizadas palestras abordando o assunto e destacando-se as vantagens da prevenção, além da distribuição de escovas e pastas dentífricas e aplicação de flúor. Esse trabalho é desenvolvido quinzenalmente e com os alunos do ensino fundamental.

Todas essas obras foram e estão sendo realizadas com recursos da Prefeitura de Conceição do Castelo, juntamente com recursos advindos da Secretaria de Estado da Educação, Ministério da Educação, Fundação de Assistência ao Estudante e Serviço Nacional de Aprendizagem Rural.

TRABALHAR É ASSIM

PREFEITURA MUNICIPAL
DE
CONCEIÇÃO
DO CASTELO



Ampliação da Escola de 1º e 2º Graus Aldy Soares Merçon



Reforma e ampliação da Escola de 1º Grau Alto Monforte



Construção do Jardim de Infância Brás Lacerda Amigo

Escola pública ainda dá sinais de vitalidade

Apesar da imagem negativa que tem perante a sociedade, a escola pública ainda demonstra sinais de vitalidade, embora com muito poucos exemplos para assegurar educação gratuita de qualidade. Com nota acima da média encontra-se a Escola de Primeiro Grau da Ufes, considerada modelo (tanto que recebe, não raramente, visita de vários pontos do estado de profissionais de educação) por se basear na receptividade de propostas de alunos e pais de alunos, e no aprimoramento constante de professores.

Conta a pedagoga Maria das Graças Silva Frade, do Serviço de Apoio Pedagógico, que atualmente há rodízio nas funções para que haja um enriquecimento profissional. Os professores, então, passam por várias séries, funções e atividades, adquirindo noção mais completa do processo da educação.

Construtivismo

Com base no construtivismo de Piaget e de outros autores que vieram depois, como Paulo Freire e Emília Ferreiro, a escola se mantém desde 1987, e teve pela primeira vez este ano uma turma de 8ª série. Tudo isso faz a diretora Denise Maria Moreira Vieira lembrar que a escola teve uma formação polêmica, pois se tratava de uma iniciativa que visava à montagem de uma escola de aplicação, ou seja, experimentar a transmissão de conhecimento adquirido na universidade. "A escola surgiu com três turmas: pré, 1º e 2º anos. Passamos mais de um ano discutindo este projeto, envolvendo as licenciaturas. Existia insatisfação com o que era oferecido. Então, levantamos um discussão sobre o que seria essa escola".

A palavra mais usada pelos professores da escola é desafio. Um deles se refere a exigência da escola em relação aos profissionais e o que os funcionários recebem por isso. "Quando abre vaga para professores ninguém vem. O salário é muito baixo. Muitos pleiteiam vol-



aliena", sentencia.

Outro desafio apontado pela pedagoga é lidar com a variedade de níveis sociais e econômicos da população. "Temos filhos de pais pedreiros e de pais doutores", informa. Mas esta não é a única característica extrema da escola. Entre as particularidades uma gera curiosidade: muitos alunos matriculados moram em Ubu, Guarapari, Serra, Cariacica, Vila Velha e Vitória, entre outras localidades.

O objetivo da criação da Escola de Primeiro Grau da Ufes era atender os estagiários da universidade dos cursos de Pedagogia, Letras, Matemática, Educação Artística e outros. "Tentou-se um convênio entre a Ufes e o Governo do estado, mas não foi aceito. Depois com a Prefeitura de Vitória. Esta se responsabilizou pelos recursos humanos. A direção, secretários, bibliotecas e vigias são da Ufes. O corpo dos professores é pago pela prefeitura", relembra Denise.

Entre outras técnicas de ensino, salienta-se a ampliação do material didático, a utilização de outros instrumentos, dispensados na educação convencional. Assim a aplicação



vismo é a linha a ser seguida. Agora a PMV está fazendo construtivismo, de dois a três anos para cá", diz. "É uma maneira mais prazerosa, porém mais trabalhosa, de lidar com educação", diz Maria das Graças.

A professora Ana Rita, que trabalha com alfabetização informa que a intenção é gerar uma postura mais crítica, assim começa trabalhando a escrita como um processo de construção. "Mas essa escola não é só um mar de rosas. Temos muitos desafios e questionamentos. Este ano, por exemplo, estamos apreensivas, pois os alunos de 8ª série daqui vão fazer prova para a Escola Técnica e vamos ver como eles lidam com o conhecimento sistematizado".

A avaliação da Escola de Primeiro Grau da Ufes é completamente descritiva. Em vez de números escreve-se nos boletins se alunos alcançaram ou não os objetivos ou se os atingiram em parte. Os alunos ainda fazem uma auto-avaliação, o que o coloca responsável por sua aprendizagem. As normas de sala de aula também são definidas pelos alunos, da qual se conclui uma preocupação com o aproveitamento do tempo, com a eliminação das conversas paralelas, entre outras particularidades tão reclamadas pelos professores.

Há também o que foi denominado de acompanhamento no horário contrário, que significa o atendimento ao aluno na disciplina que é pré-requisito, na qual o estudante tenha dificuldades. Com os alunos de 5ª a 8ª séries é aplicado o que se batizou de plantão de dúvidas. O termo aula de reforço, devido ao senso crítico dos alunos, não é benquisto, por isso optou-se por palavras que não tenham um significado tão pesado.

Sistematização

Conta Maria das Graças que se tem a impressão de que os alunos das séries mais avançadas, a partir da 7ª, devido à

consciência crítica adquirida nos primeiros anos, mostram resistência ao conhecimento sistematizado, principalmente a escrita. As pedagogas das escolas acreditam que a grande meta nessas séries é readquirir a responsabilidade dos anos anteriores.

No mês de outubro passado, a Escola de 1º Grau da Ufes conseguiu viabilizar um grande objetivo, que era a confecção de um jornal, que serve como veículo de informação e divulgação do que acontece na escola, além de ser um meio de integração e intercâmbio com a comunidade em geral.

Em 22 de julho passado, durante a SBPC, aconteceram na escola a inauguração do refeitório, laboratório de ciências e informática. Os projetos foram elaborados na primeira diretoria sob a responsabilidade de Maria da Penha Lima Sodré, junto à reitoria e ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Atualmente o espaço físico do refeitório tem sido utilizado para reuniões, exposições e oficinas de alunos e projeto de leitura. O projeto de educação alimentar e oferta de merenda depende ainda de equipamentos, em fase de aquisição, e de pessoal de apoio, em fase de remanejamento, via Prefeitura de Vitória e funcionários da Ufes. O laboratório de ciências está sendo utilizado regularmente pelos professores da área, atendendo aos alunos de 5ª a 8ª séries.

O laboratório de informática tem gerado muita expectativa e curiosidade. No período de 14 a 18 de setembro foi realizada a primeira etapa do treinamento dos funcionários, ministrado pela IBM, atendendo a nove professores da escola que serão os multiplicadores do Projeto Horizonte. Também está sendo planejado para este mês o repasse do treinamento para os demais docentes da escola, a fim de otimizar o funcionamento deste laboratório.

tar para as escolas de origem, porque lá eles trabalham muito menos e têm tempo para se dedicarem a outro emprego”, explica a professora Maria das Graças.

“O pessoal pensa que magistério é sacrifício e abnegação”, continua a professora. “Uma visão um tanto jesuítica de educação. Existe um convênio com a prefeitura que é renovado de dois em dois anos. A Ufes já assinou e até agora a prefeitura não se manifestou”, lamenta a diretora.

Características

Contudo, o sucesso da escola, segundo Maria das Graças, se justifica pela crença dos professores numa escola pública de qualidade, que se faz notar pelo envolvimento dos interessados no processo educacional. “Se você não participa, você se

irrestrita de livros cede espaço a outros objetos. Os livros, no entanto, figuram com destaque ainda no pré, 1º e 2º anos. A educação se completa com jornais, recortes, visitas a bibliotecas, passeios orientados, entre outras estratégias. Mas nem todas as iniciativas, por sua ousadia e perspicácia, são compreendidas. No entanto, se fazem necessárias, conforme explicam as professoras e pedagogas da escola, que realizam reuniões de esclarecimento com os pais de alunos para explicar as técnicas que nem sempre são bem aceitas.

A diretora Denise lembra que a escola promoveu passeio a uma reserva ecológica, cuja intenção foi mal compreendida. “Os alunos passariam um dia inteiro na reserva, com direito a transporte e alimentação. Nós cobramos R\$ 7 para

as despesas. É um preço muito barato. Recebemos vários telefonemas de pais de alunos dizendo que os professores não queriam trabalhar e ficavam inventando desculpas para tirar dinheiro dos pais. Um passeio desses dá um trabalho enorme. E no local os alunos tiram muito mais proveito do que na sala de aula, porque eles têm oportunidade de entrar em contato com o assunto em estudo. Os pais não participam e querem mandar na escola. No grupo de estudo, com mais de 400 famílias, só vêm dez ou seis pessoas. A gente se comunica com eles por bilhete, telegrama, telefone. Mas se não doer no bolso, eles não vêm”.

Outro ponto destacado pela professora Maria Clemência România de Vasconcelos é que a escola trabalha com propostas inovadoras. “Construti-



Nós ensinamos a pensar.

CENTRO EDUCACIONAL
FLORESCER
BES

MATRÍCULAS ABERTAS
Pré-Escola e Primeiro Grau
Rua Rômulo Samorine, 70 - Praia do Canto - Tel: 225-8012

AJ02352-15

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

De Goiabeiras, com os olhos no céu

Quem nunca teve o desejo de conhecer as crateras da Lua? Os anéis de Saturno? Júpiter cercado de satélites? Ou ainda a brilhante Alfa Centauro, estrela da Constelação de Centauro? Quem sonha conhecê-los não precisa esperar por uma viagem interplanetária. Do Observatório Astronômico da Ufes é possível vasculhar o espaço cósmico através de poderosas lentes telescópicas.

Num cenário típico de ficção científica, o observatório permite não só visualizar a vizinha Lua, mas também fenômenos espaciais, planetas e estrelas distantes. Do campus universitário, pode-se pôr o olho em Júpiter e quatro de seus 16 satélites. Em Saturno, nos anéis e num de seus 20 satélites, o Titã. Ou ainda desco-



Educação e Astronomia no observatório

Lea ou Laboratório de Ensino de Astronomia. Ele é o responsável pelo binômio educação-astronomia do Observatório. Criado em 1991, o Lea - como é conhecido - surgiu com o objetivo de dar um caráter didático às visitas cada vez mais numerosas. É através dele que alunos conseguem cursos para estudos da astronomia, professores de primeiro grau passam por treinamentos e visitantes recebem informações básicas sobre o universo.

Além de preparar as palestras para o público e treinar professores, o laboratório é responsável pela oferta de cursos de extensão em Astronomia. Deles tem saído a mão-de-obra para as atividades do observatório: o próprio Lea e o Projeto Iniciação à Pesquisa. Com turmas de 30 alunos, estes

envolvendo a consciência da preservação do planeta. Outra é despertar o interesse latente para a Astronomia. Muitos alunos, ou mesmo profissionais, entusiasmam-se com a primeira visita e tornam-se frequentadores assíduos.

Alguns temas também estão sempre em pauta nas palestras. As características dos planetas, satélites, galáxias, meteoros, noções de tamanho (da Terra em relação ao Sol) e outros. A maior parte das escolas que procura pelo observatório é das redes particular e municipal.

O Lea também tem estendido seu trabalho ao interior. Alguns monitores já deram palestras em escolas ligadas à Aracruz e percorreram toda a linha de trem da CVRD divulgando informações

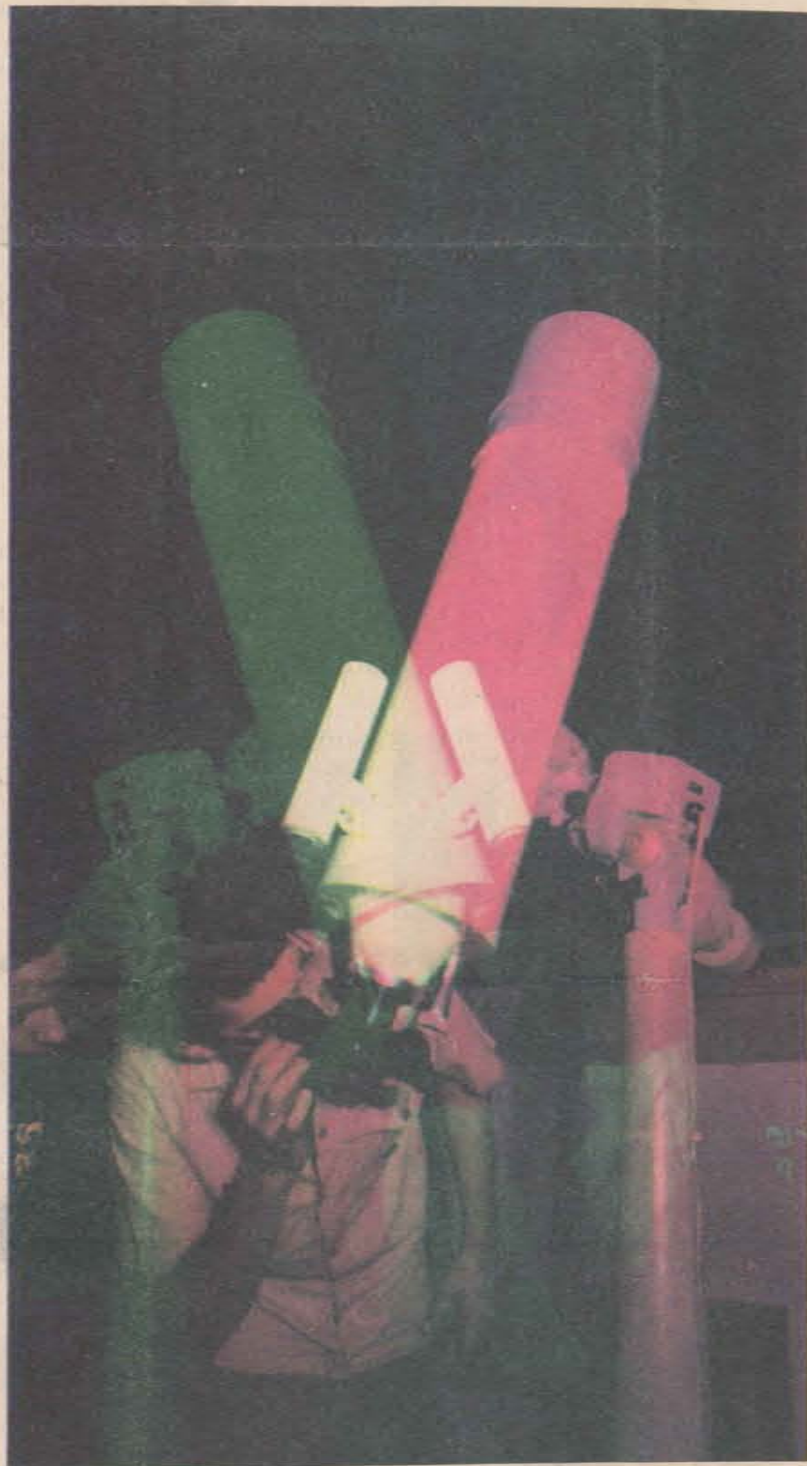
brir que uma das mais brilhantes estrelas do céu - Alfa Centauro - são duas e não uma como parece a olho nu.

Atrás das belezas e dos segredos do universo, uma média de 8 mil pessoas já passou pelo Observatório, um projeto que fincou bases sólidas após a passagem do Halley, em 1986. Na época, ninguém imaginava que a instalação de um telescópio por um grupo de professores da Ufes para acompanhar os rastros do cometa fosse arrastar uma multidão. "Foi uma surpresa", afirma Nelson Almeida Filho, funcionário do Observatório e membro de um dos grupos de estudo em Astronomia.

O público superou as expectativas, e o telescópio ganhou status de Observatório, ligado ao Departamento de Física. Desde então, a procura não parou mais e vem se multiplicando ano após ano. Das 500 pessoas atendidas em 86, hoje a média está entre 2.500 a 3 mil por ano. O público tem múltiplas origens: Grande Vitória, interior, escolas, empresas, grupos religiosos e outros.

Pesquisa

O número só não é maior devido às limitações de espaço. Para não prejudicar as explicações e observações, admite-se no máximo 30 pessoas por noite de céu limpo, sempre de terça a sexta-feira (exceto quando o céu estiver nublado). De terça a quinta, o atendimento é reservado às



escolas. Nas sextas, à comunidade em geral.

As visitas têm que ser agendadas com antecedência de até dois meses. Para atendê-las, foram reservados dois telescópios. O terceiro fica à disposição da pesquisa, um dos braços em atividade no Observatório. O projeto é de iniciação à pesquisa, com trabalhos de fotometria.

Duas alunas bolsistas acompanham as medições da luz emitida por determinadas estrelas. O acompanhamento é através de computador, onde são reproduzidas as imagens captadas numa câmara acoplada ao telescópio. Essas medições da luz são fundamentais na identificação e classificação das estrelas, ajudando a caracterizar suas composições físicas e químicas.

Trata-se de um trabalho voluntário, cujo resultado vai integrar atividades de alguns pesos pesados da Astronomia no país: O Inpe - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, em São José dos Campos - é um deles. O Laboratório Nacional de Astrofísica é outro.

Uma das integrantes do grupo de Fotometria, Márcia Regina Santana Pereira, diz que é comum a troca de informações e de imagens entre astrônomos e órgãos ligados às atividades espaciais. O observatório da Ufes, inclusive, é associado à Liga Ibero Americana de Astronomia, onde a troca de imagens e as parcerias são regra.

As turmas de 30 alunos, estes cursos têm duração de um ano e já vão formar o terceiro grupo (um a cada dois anos).

As turmas são compostas por estudantes de diversas áreas. A maioria é do Departamento de Física, mas existe também gente de Educação Física, História, Medicina, Geografia, Contabilidade, Psicologia, Pedagogia, Ciência. Os candidatos às vagas passam por rigorosa prova de seleção. Depois, são submetidos a encontros mensais para apresentação de trabalhos de pesquisa orientados por professores e monitores do Departamento de Física.

Palestras

Com o Lea, os estudantes de primeiro e segundo graus ganham prioridade. Hoje, a maioria dos visitantes do observatório vem das escolas. As palestras (seguidas de observações no telescópio) são dadas por monitores formados nos cursos de extensão em Astronomia. O conteúdo é sempre de acordo com o nível da turma atendida. Geralmente, no ato de inscrição, as escolas fornecem dados sobre o grau de escolaridade dos alunos e os objetivos.

Pagando uma taxa simbólica de R\$ 1,00, cada aluno sacia suas curiosidades sobre o universo. Algumas perguntas já se tornaram clássicas, independentemente do nível do aluno. Cabe ao monitor responder, por exemplo, por que o planeta é redondo, por que o cometa cai, se ele pode cair na Terra, o que acontece nestes casos, se o Sol vai morrer, se a Lua influi ou não no crescimento dos cabelos.

Além de satisfazer as curiosidades dos alunos, o monitor também tem a preocupação de seguir alguns objetivos do observatório. Um deles é com a ecologia, de-

CVRD, divulgando informações sobre o universo. Escolas de Santa Leopoldina, Nova Venécia e Aracruz já enviaram alunos até o observatório.

Os estudantes das escolas ligadas à Prefeitura de Vitória são os maiores frequentadores. A Escolinha da Ufes tem uma ligação especial com o Laboratório. Seus professores recebem treinamento e material didático sobre Astronomia, tudo com objetivo de repassar aos alunos.

Planetário

Até o final do ano, o Lea vai contar com um aliado nas suas atividades educacionais - o Planetário. Instalado na Ufes, ele funciona como um cinema de 180 graus e tem uma proposta didática. O objetivo é atender alunos de escolas de primeiro e segundo graus e comunidade.

O teto côncavo e os equipamentos modernos permitem reproduzir um céu artificial, simulando as mudanças das fases da Lua, os eclipses, o movimento dos planetas e do Sol, chuvas de meteoros, curso de cometas, estrelas cadentes e outros fenômenos espaciais.

De acordo com Nelson Almeida Filho, a proposta é levar os alunos primeiro para o planetário, onde poderão acompanhar as simulações. Depois, para o observatório, onde poderão olhar o céu pelas lentes do telescópio.

O planetário foi construído através de um consórcio entre a Prefeitura de Vitória e a Ufes. Sua função é projetar numa cúpula de gesso todo o sistema solar. O projetor ZK 2P, fabricado na Alemanha, é o principal responsável por esta projeção. Ele permite a animação acelerada dos movimentos dos astros através de slides do céu.